



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



FRANCIMONE DA GRAÇA BARROS DUTRA

[pex'didɐ] ou [pex'dzidɐ]?, [tɔ'matɪ] ou [tɔ'matʃɪ]?: uma análise geossociolinguística da realização dos fonemas /d/ e /t/ no falar de ararienses e pinheirenses

São Luís - MA
2021

FRANCIMONE DA GRAÇA BARROS DUTRA

[pɛx'didɐ] ou [pɛx'dʒidɐ]?, [tɔ'matɨ] ou [tɔ'matʃɨ]?: uma análise geossociolinguística da realização dos fonemas /d/ e /t/ no falar de ararienses e pinheirenses

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Letras, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Área de Concentração: Descrição e Análise do Português Brasileiro.

Orientadora: Profa. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos

São Luís - MA
2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Barros Dutra, Francimone da Graça.
[pɛx'didɛ] ou [pɛx'dʒidɛ]?, [tõ'matɪ] ou [tõ'matʃɪ]?: uma análise geossociolinguística da realização dos fonemas /d/ e /t/ no falar de ararienses e pinheirenses / Francimone da Graça Barros Dutra. - 2021.
109 p.

Orientador(a): Profa. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.

1. Despalatalização. 2. Dialetoлогия. 3. Fonética. 4. Geolinguística. 5. Sociolinguística. I. Oliveira Santos, Profa. Dra. Georgiana Márcia. II. Título.

FRANCIMONE DA GRAÇA BARROS DUTRA

[pɛx'didɐ] ou [pɛx'dʒidɐ]?, [tɔ'matɪ] ou [tɔ'matʃɪ]?: uma análise geossociolinguística da realização dos fonemas /d/ e /t/ no falar de ararienses e pinheirenses

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Letras, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Aprovado em: 31/08/2021

Profa. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos - UFMA
(Orientadora)

Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera - UEL
(Examinadora externa)

Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra - UFMA
(Examinador interno)

Aos meus pais, Benedito e Maria José, meus exemplos...

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu bom Deus pela força que Ele me fez descobrir em mim, força essa que nem eu mesma sabia que encontraria em mim e por ter colocado em meu caminho verdadeiros anjos que me ensinaram a ser uma pessoa melhor.

Aos meus amados pais, carinhosamente chamados de Doutor e Zezé, pela educação que me deram, única herança que disseram que poderiam me deixar.

Aos meus irmãos, Pedro Marino, Pedro Neto, Mônica, Pedro Emanuel e Fátima, por serem o meu porto seguro, onde realmente posso atracar com segurança.

Aos meus filhos, Matthaus, Francimônica, Milena e Linanda, minhas vidas, pela compreensão da ausência da mamãe em tantos momentos.

Ao meu companheiro, meu grande amor, Demócrito, por ser muito mais que um namorado, um amigo, um conselheiro e por ter me dado dois enteados maravilhosos, Lucas e Dryelle.

À minha querida orientadora, Georgiana Santos, por ter me escolhido, por não ter desistido de mim e nem soltado a minha mão. Obrigada, obrigada, mil vezes obrigada por ter acreditado em mim.

Ao GELMIC, meu grupo de pesquisa, por compartilharmos um sentimento de equipe, pelo apoio e todo aprendizado mútuo.

À banca examinadora, pelas relevantes contribuições dadas ao desenvolvimento deste trabalho, de forma especial, à professora Vanderci Aguilera pela precisão e perspicácia no detalhamento de suas considerações, o que foi fundamental para que eu pudesse pensar em soluções para os problemas existentes.

Ao ALiMA, de forma especial, à professora Conceição Ramos, pela cessão dos dados desse projeto que, sem dúvida, foram fundamentais ao desenvolvimento desta dissertação.

Aos professores do PGLetras das disciplinas obrigatórias e eletivas, pelos conhecimentos compartilhados.

Registro, também, minha gratidão aos quatro informantes do município de Arari que dedicaram seu tempo, contribuindo para a realização de minha pesquisa de campo.

A todos os colegas que conheci no Mestrado, de maneira especial, à Alba (a outra sobrevivente de 2019.1, como costumávamos falar), pelo companheirismo e

pelos momentos de conversas e palavras amigas, bem como a Israel, amigo que sempre me socorreu nos momentos de agonia, rsrs.

Aos colegas de trabalho, na pessoa do meu querido chefe Pedro de Alcântara, pelos momentos de compreensão quando dos períodos de ausência no serviço para frequentar as disciplinas do mestrado e pelo grande apoio na conclusão do curso.

A todos os amigos, aqui representados por Imaculada, que direta ou indiretamente participaram dessa longa jornada que foi de suma importância para meu crescimento pessoal e profissional.

“A enorme extensão geográfica em que o português é falado no Brasil, dá a cada região peculiaridades e modismos desconhecidos nas outras, e exige, antes da obra integral que fixe e defina nossa diferenciação dialetal, trabalhos parcelados, feitos com critério e honestidade, sobre cada zona do país.” (MARROQUIM, 1996, p. 9).

RESUMO

A origem desta dissertação está pautada tanto em nosso conhecimento acerca da popularmente propalada realização despalatalizada dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ] em alguns municípios da Baixada Maranhense – o que, historicamente, particularizaria a fala dessa região em relação à de outras do Estado – quanto em nossa percepção, baseada na vivência que temos no município de Arari, de diferenças existentes na fala de maranhenses naturais de alguns municípios dessa microrregião e de maranhenses naturais de outras partes do Estado. Somando-se a isso o conhecimento dos importantes estudos sobre o português falado no Maranhão realizados, sobretudo, pelo Projeto Atlas Linguístico do Maranhão - ALiMA, decidimos investigar a fala de maranhenses naturais dos municípios de Arari e de Pinheiro, os quais representam a microrregião da Baixada Maranhense nesta investigação. Assim sendo, o objetivo geral deste trabalho foi investigar, à luz da Dialetoologia, Geolinguística e Sociolinguística, a realização dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ] nos municípios de Arari e de Pinheiro com o intuito de confirmar ou refutar a realização despalatalizada desses fonemas na Baixada Maranhense. E como objetivos específicos estabelecemos: i) identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos responsáveis pela realização dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ] nas localidades investigadas, com base no programa computacional GoldVarb X (GUY; ZILLES, 2007); e ii) analisar as variáveis linguísticas e extralinguísticas relevantes para a realização despalatalizada ou palatalizada desses fonemas nos contextos investigados a fim de contribuir para a sistematização descritiva da fala contemporânea da Baixada Maranhense representada, nesta dissertação, pelos municípios de Arari e Pinheiro. Para tanto, embasamo-nos teoricamente nos estudos sobre Fonética e Fonologia desenvolvidos por Saussure (1916), Roberto (2016), Silva (2017), Seara, Nunes, Lazzarotto-Volcão (2019); sobre despalatalização e palatalização realizados por Cagliari (1974), Bergo (1986), Battisti *et. al.* (2007), Ilari e Basso (2007), Araújo (2011) e Aragão (2018); sobre Dialetoologia e Geolinguística desenvolvidos, sobretudo, por Rossi (1980), Aguilera (2006), Cardoso (2010), Romano (2013); e sobre Sociolinguística realizados por Labov (1972), Tarallo (1986), Bortoni-Ricardo (2004), Monteiro (2008) e Mollica e Braga (2015), Guy e Zilles (2007). Com essa base teórica, esta investigação foi metodologicamente organizada em três etapas principais: i) contextualização da natureza da pesquisa; ii) *locus* da pesquisa; e iii) constituição e tratamento dos dados de fala de Pinheiro, coletados pelo ALiMA, e de Arari, coletados pela autora deste trabalho. De forma geral, os resultados obtidos contrariaram a apregoada realização despalatalizada dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ] na Baixada Maranhense. E, nesse sentido, esperamos que este trabalho contribua para incentivar o aprofundamento dos estudos sobre a variedade maranhense do português brasileiro a partir, mais especificamente, da ampliação da investigação sobre a realização dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ], e que, conseqüentemente, contribua para o reconhecimento e valorização da diversidade linguística do Estado e do país.

Palavras-chave: Fonética. Despalatalização. Dialetoologia. Geolinguística. Sociolinguística.

ABSTRACT

The origin of this dissertation is ruled as in our knowledge about the popularly rumored depalatalized realization of the phonemes /d/ and /t/ before [i, ɨ] in some cities from *Baixada Maranhense* – that would historically particularize the speak of this region related to the other ones –, as in our perception, based in the experience, that we have in *Arari* City, from differences existing in the speak of people from *Maranhão State* who lives in some cities of this microregion and from people who were born in other parts of this State. It was added to this the knowledge from important studies about the Portuguese spoken in *Maranhão* developed, mainly, by *Atlas Lingüístico do Maranhão* – ALiMA. We decided to investigate the speak from people who were born in the cities of *Arari* and *Pinheiro*, whose represent the microregion called as *Baixada Maranhense* in this study. So, the main aim of this research is to investigate, according to the Dialectology, Geolinguistics and Sociolinguistics, the realization of the phonemes /d/ and /t/ before of [i, ɨ] in the cities of *Arari* and *Pinheiro*, aiming to confirm or refuting the depalatalized realization of these phonemes in *Baixada Maranhense*. As specific objectives, we establish: i) identifying the linguistics and extralinguistics facts responsible for the realization of the /d/ e /t/ phonemes before of [i, ɨ] in the localities investigated, based on the the Goldvarb X computer program (GUY; ZILLES, 2007); ii) analyzing the linguistic and extralinguistic relevant variables to the depalatalized or palatalized realization of these phonemes in the investigated contexts, in order to contribute to the descriptive systematization of the contemporary *Baixada Maranhense*'s speak, represented in this study by the cities of *Arari* and *Pinheiro*. Therefore, we were theoretically grounded in the Phonetic and Phonology studies developed by Saussure (1916), Roberto (2016), Silva (2017), Seara, Nunes, Lazzarotto-Volcão (2019); about the depalatalization and palatalization realized by Cagliari (1974), Bergo (1986), Battisti *et. al.* (2007), Ilari & Basso (2007), Araújo (2011) and Aragão (2018); about Dialectology and Geolinguistics developed, mainly, by Rossi (1980), Aguilera (2006), Cardoso (2010), Romano (2013); and about Sociolinguistics realized by Labov (1972), Tarallo (1986), Bortoni-Ricardo (2004), Monteiro (2008), Mollica & Braga (2015), Guy & Zilles (2007). According to this theoretical basis, this investigation was methodologically organized in three main steps: i) contextualization of the field of research; ii) *locus* of this research; and iii) constitution and treatment of the data – data from *Pinheiro* City collected by the ALiMA Project and the data from *Arari* City collected by the author of this work. In general, the obtained results contradicted the claimed depalatalized realization of the /d/ and /t/ phonemes before of [i, ɨ] in *Baixada Maranhense*. This way, we hope that this work contributes to incentivate the deepening of the studies about the variety of the Brazilian Portuguese spoken in *Maranhão*, more specifically, the ampliation of the investigation about the realization of the /d/ and /t/ phonemes before of [i, ɨ], that, consequently, contributes to the recognition and valorization of the linguistic diversity from the State and from the country.

Keyword: Phonetics. Depalatalization. Dialectology. Geolinguistics. Sociolinguistics.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
2.1 CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS.....	21
2.1.1 Considerações sobre as consoantes /d/ e /t/	23
2.1.2 Fonemas e alofones	28
2.1.3 Distribuição complementar	30
2.1.4 O fenômeno da despalatalização e da palatalização dos fonemas consonantais /d/ e /t/	31
2.2 DIALETOLOGIA.....	33
2.2.1 Estudos dialetais no Brasil	35
2.3 GEOLINGUÍSTICA PLURIDIMENSIONAL.....	37
2.4 SOCIOLINGUÍSTICA.....	42
3 METODOLOGIA	45
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA NATUREZA DA PESQUISA	45
3.2 LOCUS DA PESQUISA: ARARI E PINHEIRO.....	45
3.3 A CONSTITUIÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA.....	49
3.3.1 A realização da pesquisa de campo em Pinheiro e em Arari	50
3.3.1.1 Instrumento para a pesquisa de campo.....	51
3.3.2 Perfil dos informantes	52
3.3.3 Tratamento dos dados: uso do programa GoldVarb X	53
3.3.4 Tratamento dos dados: produção de cartas linguísticas	55
4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	58
4.1 ANÁLISE GEOSOCIOLINGUÍSTICA.....	58
4.1.1 Fatores extralinguísticos	61
4.1.1.1 Variável Localidade.....	61
4.1.1.2 Variável Sexo.....	64
4.1.1.3 Variável Faixa Etária.....	68
4.1.2 Fatores linguísticos	73
4.1.2.1 Contexto Fonológico.....	73
4.1.2.2 Posição de Contexto Fonológico.....	77
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	85
APÊNDICE	91
ANEXOS	103

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Configuração articulatória da africada produzida com a sequência de dois movimentos articulatórios: (a) oclusão total e (b) bloqueio parcial com fricção.....	24
Figura 2 - O estado da glote em segmentos vozeados (esquerda) e desvozeado (direita).....	25
Figura 3 - Distribuição complementar.....	30
Figura 4 - Mapa de Arari- MA.....	47
Figura 5 - Mapa do limite municipal de Pinheiro - MA.....	48
Figura 6 - Apresentação da rodada de dados nº1 no GoldVarb X – Localidades.....	62
Figura 7 - Apresentação da rodada de dados nº 2 no GoldVarb X – Sexo.....	65
Figura 8 - Apresentação da rodada de dados nº 3 no GoldVarb X – Faixa Etária.....	69
Figura 9 - Apresentação da rodada de dados nº 4 no GoldVarb X – Contexto fonológico.....	74
Figura 10 - Apresentação da rodada de dados nº 5 no GoldVarb X – Posição de contexto fonológico.....	78

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fonemas consonantais do PB classificados segundo seu vozeamento, modo e ponto de articulação.....	27
Quadro 2 – Questões selecionadas do QFF do ALiMA.....	51
Quadro 3 – Perfil dos informantes deste estudo.....	53
Quadro 4 – Arquivo de condição / codificação dos dados.....	54
Quadro 5 – Resultado: fator ditassexual obtido com as questões do QFF.....	67
Quadro 6 – Resultado: fator diageracional obtido com as questões do QFF.....	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição geral dos dados.....	58
Tabela 2 – Localidades investigadas.....	62
Tabela 3 – Ocorrências da forma despalatalização de acordo com o sexo.....	64
Tabela 4 – Ocorrências da forma despalatalizada de acordo com a faixa etária.....	68
Tabela 5 – Ocorrências da forma despalatalizada de acordo com o contexto fonológico.....	73
Tabela 6 – Ocorrências da forma despalatalizada de acordo com a posição do contexto fonológico.....	78

LISTA DE CARTAS

Carta 1 – Distribuição por localidade: realizações despalatalizadas x palatalizadas.....	63
Carta 2 – Distribuição por sexo: realizações despalatalizadas x palatalizadas.....	66
Carta 3 – Distribuição por faixa etária: realizações despalatalizadas x palatalizadas.....	71
Carta 4 – Distribuição por contexto fonológico: realizações despalatalizadas x palatalizadas.....	75
Carta 5 – Distribuição por posição de contexto fonológico: realizações despalatalizadas x palatalizadas.....	79

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Contextos fonológicos: variantes despalatalizada e palatalizada em Pinheiro.....	76
Gráfico 2 – Contextos fonológicos: variantes despalatalizada e palatalizada em Arari.....	76
Gráfico 3 – Posições de contexto fonológico: variantes despalatalizada e palatalizada em Pinheiro.....	80
Gráfico 4 – Posições de contexto fonológico: variantes despalatalizada e palatalizada em Arari.....	80

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACI	Associação Cartográfica Internacional
AFI	Alfabeto Fonético Internacional
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALiMA	Atlas Linguístico do Maranhão
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
APL	Aplicações
EF	Ensino Fundamental
FDBM	Fórum em Defesa da Baixada Maranhense
FI	Faixa Etária I
FII	Faixa Etária II
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPA	International Phonetic Alphabet
PB	Português Brasileiro
PR	Peso Relativo
QFF	Questionário Fonético-Fonológico
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UMADA	União de Mocidade da Assembleia de Deus em Arari

1 INTRODUÇÃO

É inegável que a variação linguística é um fenômeno inerente a todas as línguas. Nesse sentido, é importante salientar que, embora já tenhamos muitas pesquisas voltadas à variação do português brasileiro, doravante PB, ainda há muito por ser feito para dar conta de sua rica diversidade linguística.

Assim, queremos com este trabalho contribuir para a ampliação dos estudos sobre a variação linguística do PB, mais especificamente, sobre a variação do português falado no Maranhão.

Para tanto, nossa dissertação tem como ponto de partida a observação da fala de maranhenses naturais de dois municípios da Baixada Maranhense – Arari e Pinheiro – quanto à realização despalatalizada dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ]¹.

Com base nessa percepção, construímos a problematização desta dissertação sintetizada na seguinte questão: Se, de fato, predomina a despalatalização dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ]² na fala de pessoas da Baixada Maranhense, representada, neste trabalho, pelos municípios de Arari e Pinheiro, quais fatores extralinguísticos e linguísticos a favorecem?

Esse questionamento gerou, respectivamente, as seguintes hipóteses: i) predomina a despalatalização dos fonemas /d/ e /t/ no português falado em Arari e em Pinheiro; ii) acredita-se que os fatores sexo e faixa etária favorecem a despalatalização dos fonemas /d/ e /t/ nos municípios de Arari e Pinheiro; iii) a despalatalização dos fonemas /d/ e /t/ é recorrente diante de [i, ɪ]. Essas hipóteses

¹ Destacamos que os símbolos usados neste trabalho são os regulamentados pelo Alfabeto Fonético Internacional/ International Phonetic Alphabet (AFI/IPA). Dessa forma, além do uso da fonte SILDoulosIPA, para nos referir a fonemas, fones e alofones, procedemos da seguinte maneira: o registro dos fonemas (unidades sonoras com valor distintivo) /d/ e /t/ será realizado pela transcrição dos caracteres entre barras; o registro tanto dos fones (compreendidos como sons efetivamente produzidos na fala sem valor distintivo) [i, ɪ] quanto dos alofones (unidades que se relacionam à manifestação fonética de um dado fonema, representando variantes de um mesmo fonema em contextos exclusivos.) [d, d₃] e [t, t₃], por sua vez, será feito por meio da transcrição fonética dos caracteres entre colchetes (cf SILVA, 2017).

² Em princípio, para esta dissertação, foram selecionados os contextos [e, ε, i, ɪ] para verificação das realizações dos fonemas /d/ e /t/, porém, após rodadas de dados feitas no Programa GoldVarb X fora detectado nocaute em todas as realizações com [e, ε], ou seja, nessas realizações só aconteceram a despalatalização. Em virtude disso, a pesquisadora retirou das análises as 16 realizações desses dois contextos, passando a adotar em seu trabalho apenas os contextos [i, ɪ] onde houve tanto realizações despalatalizadas quanto palatalizadas.

foram formuladas com base nas relações, experiências e convívio que temos com pessoas da Baixada Maranhense e na literatura sobre o tema.

Alinhando-se ao posto anteriormente, o objetivo geral deste trabalho é investigar, à luz da Dialetologia, Geolinguística e Sociolinguística, a realização dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ] nos municípios de Arari e de Pinheiro com o intuito de confirmar ou refutar a realização despalatalizada desses fonemas na Baixada Maranhense. E como objetivos específicos, estabelecemos: i) identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos responsáveis pela realização despalatalizada ou palatalizada dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ] nas localidades investigadas, com base no uso do programa computacional GoldVarb X (GUY; ZILLES, 2007); e ii) analisar as variáveis linguísticas e extralinguísticas relevantes para a realização despalatalizada ou palatalizada desses fonemas nos contextos investigados a fim de contribuir para a sistematização descritiva da fala contemporânea da Baixada Maranhense, representada, nesta dissertação, pelos municípios de Arari e Pinheiro.

É importante destacar que Arari e Pinheiro estão entre os 21 municípios que fazem parte da microrregião denominada Baixada Maranhense que compõe a mesorregião Norte Maranhense. Essa região é considerada uma das mais ricas do Maranhão em diversidade de vegetação e fauna que, contudo, sofre com os problemas de desenvolvimento (FDBM, 2018).

Além disso, Pinheiro, com uma população de 78 mil pessoas, é considerado o município mais populoso entre os que integram a Baixada maranhense (FDBM, 2018) enquanto Arari é uma cidade que possui uma população de, apenas, 28.488 habitantes, conforme o censo 2010 realizado pelo IBGE. O ponto comum entre esses dois municípios, e que nos interessa neste estudo, é que popularmente são conhecidos por imprimirem particularidades ao português falado no Maranhão.

Este trabalho se justifica, entre outros motivos, pela contribuição que dará para a ampliação e aprofundamento de pesquisas linguísticas sobre a variedade do PB, de forma geral; sobre a variedade maranhense do PB, em especial, na Baixada Maranhense; sobre os fatores favorecedores da despalatalização ou da palatalização no Maranhão, e sobre as áreas dialetais do Maranhão. Soma-se a isso o fato de podermos contribuir para a não estigmatização da fala de pessoas que despalatalizam os fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ], principalmente, em algumas partes do Nordeste, uma vez que, nessa região, a forma palatalizada desses fonemas nesse contexto é a

prestigiada, conforme afirma Mota (2008, p. 2), “As realizações palatalizadas diante de /i/ são, no Nordeste, consideradas, em geral, como variantes de prestígio”.

Quanto à fundamentação teórica, nos baseamos nos estudos sobre Fonética e Fonologia desenvolvidos por Saussure (1916), Roberto (2016), Silva(2017), Seara, Nunes, Lazzarotto-Volcão (2019); sobre despalatalização e palatalização realizados por Cagliari (1974), Bergo (1986), Battisti *et. al.* (2007), Ilari e Basso (2007), Araújo (2011) e Aragão (2018); sobre Dialetologia e Geolinguística, desenvolvidos sobretudo por Rossi (1980), Aguilera (2006), Cardoso (2010), Romano (2013); e sobre Sociolinguística realizados por Labov (1972), Tarallo (1986), Bortoni-Ricardo (2004), Monteiro (2008) e Molica e Braga (2015).

Os procedimentos metodológicos que seguimos para a análise do fenômeno linguístico em foco estão organizados em três etapas principais: i) contextualização da natureza da pesquisa; ii) *locus* da pesquisa: Arari e Pinheiro; e iii) constituição dos dados da pesquisa; este último organizado em subtópicos, a saber: realização da pesquisa de campo em Arari e em Pinheiro; instrumento para a pesquisa de campo; perfil dos informantes; tratamento dos dados – uso do programa GoldVarb X e tratamento dos dados – a produção das cartas linguísticas.

O resultado da análise dos dados contrariou a propalada realização despalatalizada da Baixada Maranhense, uma vez que indicou que a despalatalização do /d/ e /t/ nas duas localidades investigadas não é, pelo menos no português do século XXI, tão recorrente como popular e historicamente propagado.

A organização estrutural desta dissertação é composta por mais quatro partes além desta introdução. No capítulo 2, dedicado à fundamentação teórica, apresentamos alguns estudos realizados no âmbito da Fonética e da Fonologia referentes, sobretudo, à despalatalização e à palatalização do /d/ e /t/, sobre a variação linguística na perspectiva da Dialetologia e da Geolinguística Pluridimensional, bem como, estudos realizados no âmbito da Sociolinguística. No capítulo 3, explicitamos os principais passos metodológicos: contextualização da natureza da pesquisa, constituição do *corpus* e tratamento dos dados. No capítulo 4, apresentamos os resultados alcançados e, no capítulo 5, trazemos as considerações finais com base nos resultados obtidos. Por fim, apresentamos as referências bibliográficas, o apêndice e os anexos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentamos as vertentes teóricas com as quais o nosso trabalho dialoga diretamente. Em especial, exploramos os conceitos que embasam a análise da realização despalatalizada e palatalizada dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ] na fala de maranhenses dos municípios de Arari e de Pinheiro.

2.1 CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS

Pensar Fonologia sem falar em Fonética é deveras difícil, uma vez que ambas estudam o som, todavia, sob diferentes perspectivas. A Fonologia estuda o fonema, enquanto a Fonética, a realização fisiológica e psicoacústica dos fonemas, ou seja, estuda detalhadamente os sons da fala em suas múltiplas possibilidades de realização.

O esforço envidado em distinguir Fonética de Fonologia surgiu no início do século XX, quando Saussure (1916) propôs uma diferenciação entre língua e fala. Segundo a visão estruturalista, a Fonética se relaciona à fala (*parole*) enquanto a Fonologia está relacionada à língua (*langue*), separam-se, desse modo, em duas ciências, por conta de seus diferentes objetos de estudo.

Além de Saussure, Trubetzkoy, linguista russo, também passou a se interessar pelas questões fonéticas e fonológicas das línguas. Em Praga, criou um círculo linguístico conhecido como o Círculo de Praga que também defendia as particularidades dos objetos de estudo da Fonética e da Fonologia.

A concepção de que a Fonologia deveria ser uma ciência separada da Fonética foi também usada por um grupo de cientistas europeus, conhecidos como participantes do Círculo Linguístico de Praga ou Escola de Praga (a partir principalmente de 1926); (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO- VOLCÃO, 2019, p. 95).

Quanto à distinção dessas ciências, Roberto (2016) expõe que

Trubetzkoy trabalhou na criação de uma ciência que se preocupasse em investigar os sons no universo delimitado das línguas e de outra ciência que se ocupasse do som, mas na língua em uso, no ato da fala. Obviamente, por terem objetos de estudo diferentes, as duas ciências deveriam se valer de metodologias distintas. (ROBERTO, 2016, p. 17).

Ainda sobre a distinção entre Fonética e Fonologia, Roberto (2016, p.16) explicita que os limites entre essas duas áreas não são, necessariamente, fáceis de serem definidos. Assim, grosso modo, a referida autora diz que “cabe à Fonética estudar e descrever os sons produzidos pela linguagem verbal do ser humano, enquanto cabe à Fonologia o estudo dos fonemas como unidades fonológicas distintivas e abstratas de dada língua.”

A ciência à qual Trubetzkoy se refere como sendo a área de estudo que se ocupa do som no ato da fala é justamente a Fonética, ciência sobre a qual sustentamos nossos estudos sobre despalatalização e palatalização dos fonemas /d/ e /t/ nos municípios Arari e Pinheiro.

Roberto (2016, p.17) afirma que “a preocupação primordial do Círculo era estender à parte sonora da linguagem as ideias de Saussure, mantendo a dicotomia língua/fala e postulando o fonema e suas variações fonéticas como uma unidade mínima operacional”.

Contraopondo-se à visão estruturalista, temos a visão gerativista que defende que cada fonema da língua é composto por um conjunto de traços distintivos. Nesse sentido, as autoras Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2019, p. 97) afirmam que “a noção de que fonemas se constituem em feixes de traços distintivos que opõem as palavras entre si é abarcada pela Fonologia Gerativa”. Cabe destacar ainda que para o Gerativismo, “fonemas não são mais as unidades mínimas, mas são agora decompostos em traços distintivos menores (...). Um fonema nessa teoria é, na verdade, o resultado da combinação específica de unidades menores do que ele: os traços distintivos” (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2019, p. 97). Essa teoria tenta especificar esses traços a partir da representação das capacidades fonéticas gerais do ser humano, sem levar em conta nenhuma língua em especial.

De acordo com essas autoras, a Fonologia Gerativa passa, portanto, a descrever e a explicar os dados linguísticos, não se limitando apenas a descrevê-los como o fazia o Estruturalismo. O nome mais relevante dessa teoria linguística é Noam Chomsky que apresenta uma nova dicotomia baseada na oposição entre o conhecimento que uma pessoa tem das regras de sua língua (a competência) e o uso efetivo dessa língua (o desempenho).

É oportuno, no momento, ressaltar que, sendo a Fonética a “área que estuda a produção de fala propriamente dita, e isso significa dizer que ela levará em

consideração a variação linguística, a fisiologia dos indivíduos e as idiossincrasias relativas às características individuais dos falantes” (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2019, p. 15), e considerando a finalidade e o objeto de estudo da nossa dissertação, a nossa investigação está alicerçada, sobretudo, nos estudos desenvolvidos no âmbito da Fonética quanto à variação de unidades sonoras da fala.

Nesse sentido, trazemos à tona as contribuições, também, de Silva (2017, p. 23) sobre os estudos fonéticos. Para essa autora, Fonética é uma “ciência que apresenta os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala”.

Antes de tratar de questões mais específicas sobre os fonemas consonantais /d/ e /t/, faz-se necessário considerar os conceitos básicos que Silva (2017, p. 135) apresenta para as seguintes unidades:

Fone - unidade sonora atestada na produção da fala, precedendo qualquer análise. Os fones são os segmentos vocálicos e consonantais encontrados na transcrição fonética.

Fonema - unidade sonora que se distingue funcionalmente das outras unidades da língua. Método de identificação de um fonema: **par mínimo** (ou análogo).

Alofone - unidade que se relaciona à manifestação fonética de um fonema. Alofones de um mesmo fonema ocorrem em contextos exclusivos. Método de identificação: **distribuição complementar**.

Considerando as especificidades dessas unidades, interessa-nos, ainda, ressaltar a distinção entre vogais e consoantes. De acordo com Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2019, p. 45):

A divisão tradicional entre vogais e consoantes em nível de articulação deve ser entendida a partir da liberação do fluxo de ar dos pulmões. Nas vogais, não há nenhum impedimento a essa passagem de ar, ou seja, os segmentos vocálicos são produzidos com o fluxo de ar passando livremente ou praticamente sem obstáculos (obstruções ou constrictões) no trato vocal. Por sua vez, as consoantes são articuladas a partir de alguma obstrução no trato oral, seja ela parcial ou total. Outra diferença entre esses dois tipos de sons é que as vogais são sempre vozeadas, isto é, são produzidas com a vibração das pregas vocais, enquanto as consoantes podem ou não ser produzidas com vibração das pregas vocais.

2.1.1 Considerações sobre as consoantes /d/ e /t/

As consoantes são classificadas segundo seu modo de articulação, ponto de articulação e vozeamento. A maneira como o ar passa pelas cavidades supraglóticas

é definida como modo de articulação. Quanto ao modo de articulação, tanto o fonema consonantal /d/ quanto o /t/ podem receber a classificação de:

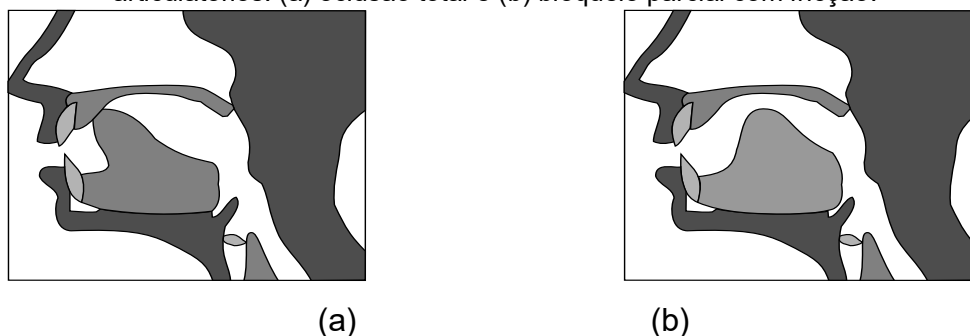
Oclusiva/plosiva: consoante produzida com uma obstrução total e momentânea do fluxo de ar nas cavidades supraglóticas, realizada pelos articuladores (ativo e passivo), por isso chamada de oclusiva. A percepção de uma explosão acústica gerada quando ocorre a liberação da oclusão faz com que esse segmento seja também chamado de plosivo. O véu do palato encontra-se levantado, e o fluxo de ar é encaminhado apenas para a cavidade oral, (...). Na palavra 'data' ['datɐ], os sons [t] e [d] são produzidos com uma obstrução total na região que vai dos dentes aos alvéolos (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2019, p. 72).

Ou podem ser classificados como:

Africada: Na fase inicial da produção de uma africada, os articuladores produzem uma obstrução completa na passagem da corrente de ar através da boca e o véu palatino encontra-se levantado (como nas oclusivas). Na fase final dessa obstrução (quando se dá a soltura da oclusão) ocorre então uma fricção decorrente da passagem central da corrente de ar (como nas fricativas). A oclusiva e a fricativa que formam a consoante africada devem ter o mesmo lugar de articulação, ou seja, são homorgânicas. O véu palatino continua levantado durante a produção de uma africada. Africadas são, portanto, consoantes orais. As consoantes africadas que ocorrem em algumas variedades do português brasileiro são tia, dia. Imagine as pronúncias "tchia" e "djia" para estes exemplos (SILVA, 2017, p. 33).

Como consoantes africadas, como em ['dʒiɐ] e ['tʃiɐ], as consoantes em análise neste estudo são produzidas com a parte anterior da língua tocando na região pós-alveolar, Figura 1a, e depois se afastando, gerando fricção, Figura 1b.

Figura 1 - Configuração articulatória da africada produzida com a sequência de dois movimentos articulatórios: (a) oclusão total e (b) bloqueio parcial com fricção.



Fonte: Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão, 2019.

Ainda na Figura 1, podemos também verificar o ponto de articulação, o qual está relacionado aos articuladores envolvidos na constrição de consoantes e se apresenta definido a partir da posição do articulador ativo em relação ao passivo.

O nosso objeto de estudo, as consoantes /d/ e /t/ seguidas da vogal alta /i/, quanto ao ponto de articulação, são classificadas, segundo Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2019, p. 77), como

Alveolar: quando a ponta ou lâmina da língua (articulador ativo) toca ou vai na direção dos alvéolos (articuladores passivos), por exemplo em 'tato', 'dado' 'assa', 'asa', 'nata', 'nora', 'torra', transcritos como: ['tatu], ['dadu], ['asə], ['azɐ], ['natɐ], ['norɐ], ['torɐ].

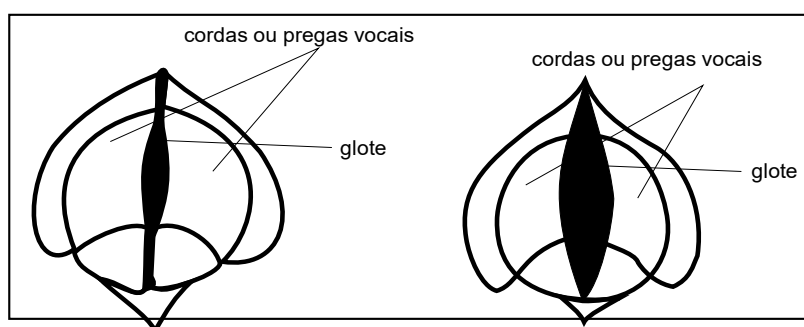
Ou

Alveopalatal: quando a parte anterior da língua (articulador ativo) toca ou se dirige para a região medial do palato duro (articulador passivo), por exemplo em 'tia', 'dia', 'chata', 'chau', 'já', 'xarope', transcritos como: ['tʃiɐ] e ['dʒiɐ]. ['ʃatɐ], ['tʃaw], ['ʒa], ['a'ɾɔpi].

Quanto ao vozeamento, as consoantes podem ser classificadas como surdas (não vozeadas) – consoantes produzidas sem a vibração das pregas vocais – e como sonoras (vozeadas) – consoantes produzidas com a vibração das pregas vocais. As consoantes /d/ e /t/ se diferenciam, apenas, pelo vozeamento, sendo /d/ vozeada (sonora) e /t/ não vozeada (surda).

Vejam, na Figura 2, à esquerda, um segmento vozeado ou sonoro com as pregas vocais vibrando, e à direita, um segmento desvozeado ou surdo, portanto, sem a vibração das pregas vocais.

Figura 2 - O estado da glote em segmentos vozeados (esquerda) e desvozeado (direita).



Fonte: Silva, 2017.

Apresentamos o Quadro 1, proposto por Issler (1996, p. 77), para sintetizar o exposto no tópico das considerações sobre os fonemas consonantais /d/ e /t/. Nesse quadro, apresentamos os segmentos consonantais do PB organizados segundo o modo, ponto de articulação e vozeamento. Circulamos de vermelho as consoantes que constituem nosso objeto de estudo

Quadro 1 - Fonemas consonantais do PB classificados segundo seu vozeamento, modo e ponto de articulação.

Vozeamento (Surda/Sonora)		Ponto de Articulação															
		Bilabial		Labio-dental		Dental ou Alveolar		Alveopalatal		Palatal		Velar		Glotal		Uvular	
		Su	So	Su	So	Su	So	Su	So	Su	So	Su	So	Su	So	Su	So
Modo de Articulação	Oclusiva	p	b			t	d					k	g				
	Africada							tʃ	dʒ								
	Fricativa			f	v	s	z	ʃ	ʒ			x	ɣ	h	ɦ	χ	ʁ
	Nasal		m				n				ɲ						
	Tepe						r										
	Vibrante						r									R	
	Retroflexa						ɻ										
	Lateral						l				ɭ		ɮ				
	Aproximante						ɹ										

Fonte: Seara, Nunes e Lazzarotto- Volcão, 2011.

2.1.2 Fonemas e alofones

De forma geral, a análise da variação linguística do /d/ e do /t/, ocorrida em Arari e Pinheiro, está alicerçada no que Silva (2017), Seara, Nunes, Lazzarotto-Volcão (2019) e Roberto (2016) discorrem sobre fonema e alofone.

Assim, segundo Silva (2017, p. 126), “Um dos objetivos de uma análise fonêmica é definir quais são os sons de uma língua que têm valor distintivo (servem para distinguir palavras)”. Como exemplo, os sons em oposição [f] e [v], das palavras “faca” e “vaca”, que são caracterizados como unidades fonêmicas distintas, sendo, portanto, denominados fonemas. Considera-se, ainda, que para conseguir fazer a identificação de fonemas é preciso usar o método de buscar duas palavras com significados diferentes cuja cadeia sonora seja idêntica. A esse método, chamamos de par mínimo. (SILVA, 2017).

Para corroborar as palavras de Silva (2017), Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2019) classificam como par mínimo cada par de palavras que se distingue por um único som. As referidas autoras afirmam que isso ocorre quando

duas sequências fônicas se distinguem apenas por um som, como em 'pato' ([ˈpatu]) e 'bato' ([ˈbatu]). Nesses vocábulos, distintos em PB, a distinção é percebida pela diferença do vozeamento ou sonoridade, pois [p] é surdo e [b] é sonoro. Quando duas sequências fônicas que se distinguem apenas por um som tiverem significados diferentes em uma determinada língua, os dois sons que as distinguem são considerados fonemas dessa língua. (SEARA, NUNES E LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2019, p. 105).

Nesse contexto, inserem-se as palavras “dia” e “tia” que também possuem sequências fônicas que se distinguem, apenas, por um som: em “dia”, temos um som vozeado /d/, ao passo que em “tia”, temos um som desvozeado /t/.

Além da compreensão do conceito de fonema e seus métodos de identificação, também é preciso que compreendamos que um fonema pode ter mais de uma realização fonética.

Para uma melhor compreensão, consideramos que, por exemplo, para a palavra “dia”, temos duas possíveis realizações fonéticas [ˈdiə] e [ˈdʒiə], assim como para a palavra “tia”: [ˈtiə] e [ˈtʃiə]. A essas diferentes ocorrências de um fonema chamamos de alofones.

Roberto (2016, p. 27) esclarece essa explicação.

Fonemas diferentes geram palavras diferentes (pois são distintivos), enquanto alofones diferentes não geram palavras diferentes. Se falamos "tia" e "dia", alternar /t/ e /d/ gera mudança de palavra, certo? Portanto, /t/ e /d/ são fonemas distintos da língua. Agora, se falamos "tia" e "tchia", por exemplo, alternar [t] e [tʃ] não gera palavras distintas. Continuamos nos referindo à mesma palavra: "tia". Então, [t] e [tʃ] (representação do "tch") não são fonemas, mas alofones distintos, duas possíveis realizações associadas a um único fonema: /t/.

As variantes africadas alveopalatais [dʒ] e [tʃ] são realizadas na maior parte das regiões brasileiras, inclusive no próprio Maranhão (ARAUJO, 2011). Por outro lado, especificamente na Baixada Maranhense, como nos municípios de Arari e Pinheiro, além da forma palatalizada, ocorre a realização despalatalizada: [d] e [t]. Na realidade, a forma despalatalizada tem sido histórica e popularmente divulgada como a marca da fala da Baixada, que a diferencia da fala do restante do Estado.

Como afirma Roberto (2016, p. 27), há muitas alofonias possíveis no PB e “as condições para que elas se realizem advêm de diferentes motivações, linguísticas e extralinguísticas.”

A referida autora, para melhor explicar as condições de realização de alofones, cita dois exemplos, o da palavra “mar” e o da palavra “tia”. Na palavra “mar”, a autora cita as realizações diversas do fonema /r/ feitas por cariocas, como em [ˈmax]; por falantes do interior de São Paulo, como em [ˈmaɪ]; e por gaúchos, como em [ˈmar]. Nesses exemplos, o condicionamento para a realização de um ou outro alofone é externo à língua, trata-se de um fator regional, extralinguístico, portanto, não depende de ambientes fonológicos, assim, o fonema /r/ pode ocorrer em qualquer contexto fônico, após qualquer vogal. Já a variante despalatalizada [tʃ] pode aparecer, apenas, diante de [i, ɪ], ou seja, temos um condicionador linguístico para a realização do alofone [tʃ]. (ROBERTO, 2016).

Cabe destacar, ainda, que para Silva (2017, p. 131), “A ocorrência de um alofone é previsível pelo contexto ou ambiente determinado pela análise de distribuição complementar: [tʃ] ocorre diante de [i] e suas variantes e [t] ocorre nos demais ambientes”.

Pelo exposto, depreendemos que a ocorrência de alofones pode ser gerada tanto em função de fatores extralinguísticos quanto de fatores internos à língua, ou seja, linguísticos.

2.1.3. Distribuição complementar

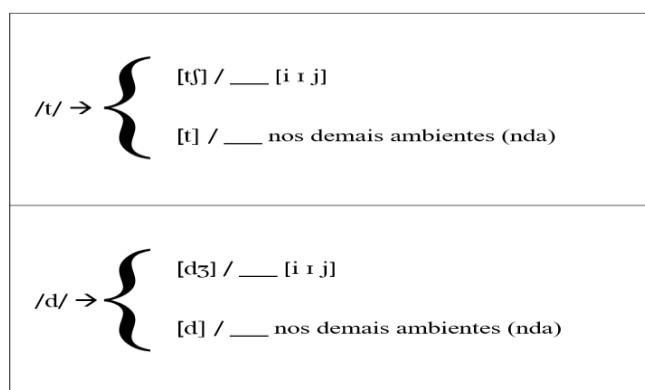
Rocha (2001, p.1) apresenta a seguinte definição para distribuição complementar: “termo usado em linguística quando se pretende dizer que realizações diferentes do mesmo fonema ocorrem em contextos que se excluem mutuamente”. Desse modo, é o contexto que determina o aparecimento de uma ou outra variante do fonema, sendo que no contexto em que ocorre uma variante, geralmente, não ocorre a outra, por isso se diz que as variantes contextuais de um fonema estão em distribuição complementar.

É importante considerar a afirmação feita por Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2019, p. 101-102) a respeito da realização [tʃipʊ] para a palavra “tipo”:

Se trocarmos a vogal [i] pela vogal [a], fazendo surgir a palavra 'tapo', sua pronúncia será [ˈtapʊ], e já não encontraremos mais a variante [tʃ] como uma das possibilidades de pronúncia - teremos apenas [t]. Podemos então concluir que as realizações [tʃ] e [t] são condicionadas contextualmente, pois [tʃ] só aparece diante de [i ɪ j], e [t] vai aparecer diante dos demais contextos vocálicos.

Dessa forma, os alofones de um fonema são identificados por meio do método de distribuição complementar. Para exemplificar o exposto, apresentamos a Figura 3 com a realização dos fonemas que são alvo do nosso trabalho.

Figura 3 - Distribuição complementar.



Fonte: Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão, 2019.

De acordo com a Figura 3, [d], [dʒ] e [t], [tʃ] estão em distribuição complementar, já que no contexto em que um acontece não ocorre o outro. Logo, podemos afirmar que a realização de um deles é motivada (ou condicionada) pelo contexto (SEARA, NUNES e LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2019).

Embora tenhamos feito essas considerações sobre distribuição complementar, importa-nos enfatizar que, como as realizações fonéticas [d], [dʒ] e [t], [tʃ] podem ocorrer diante dos mesmos contextos [i, ɪ], na fala de ararienses e pinheirenses, no Maranhão, não se trata, aqui, de analisar somente o contexto de distribuição complementar, mas também de analisar essa variação condicionada a fatores externos à língua, mais especificamente, à localização geográfica, sexo, idade, a fim de compreendermos, também, os fatores sociais favorecedores da forma despalatalizada ou da palatalizada na Baixada Maranhense.

2.1.4 O fenômeno da despalatalização e da palatalização dos fonemas consonantais /d/ e /t/

A despalatalização, conforme apresentada por Bergo (1986), caracteriza-se como um fenômeno fonético que consiste em trocar um fonema palatal por um fonema alveolar ou linguodental em razão de não se apoiar devidamente a ponta da língua na abóbada palatina ao proferir determinado som.

Cagliari (1974, p. 161) trata esse fenômeno “como uma etapa da evolução do som palatal e afirma que o fenômeno se dá por meio do enfraquecimento do contato linguopalatal”. Aragão (2018, p. 2), por sua vez, concebe a despalatalização como a “perda de traço palatal na articulação de um fonema, [a qual] pode ser vista também como variedade regional, social, estilística ou individual”. Assim, a despalatalização, grosso modo, no PB pode ser caracterizada justamente pela perda da palatalização.

A palatalização, de acordo com Silva (2002, p. 35), ocorre quando há o levantamento “da língua em direção à parte posterior do palato duro, ou seja, a língua direciona-se para uma posição anterior, mais para a frente da cavidade bucal do que normalmente ocorre quando se articula um determinado segmento consonantal”.

Historicamente, alguns autores discutem que a palatalização é reflexo de possíveis modificações fonéticas sofridas por fonemas na transição do latim vulgar

para o português arcaico, seja por assimilação ou por algum ambiente fonológico particular (DIAS, 2009). Reiteramos que a referida autora discorre que a palatalização teve “como princípio a assimilação do ponto de articulação da vogal alta anterior [i] que as precediam ou seguiam” (DIAS, 2009, p. 58).

Silva *et al.* (2012) afirmam que no português, inicialmente, havia apenas consoantes oclusivas, tendo as africadas alveopalatais surgido em decorrência do processo de palatalização. Nesse sentido, esses autores afirmam que a palatalização configura “um caso bastante rico e multifacetado para o estudo da variação e mudança sonora” (SILVA *et al.*, 2012, p. 61).

Cabe apresentar, ainda, o que Ilari (2006) e Teyssier (2001) ressaltam que as palatalizações, na verdade, modificam a configuração do sistema latino ao incorporar novos segmentos no sistema do português. Podemos dizer, assim, que a palatalização, no Brasil, pode ser entendida como uma inovação no decorrer do latim ao português.

Em síntese, sobre a palatalização /d/ e /t/, Silva *et al.* (2012, p. 62) pontuam quatro fatos importantes:

- I. a palatalização de oclusivas alveolares é um importante marcador dialetal e social. Falantes identificam a palatalização como característica de diferentes falares;
- II. há variedades regionais no Brasil em que a palatalização já se consolidou como mudança sonora. Ou seja, as consoantes africadas são sempre seguidas de uma vogal [i]. Por outro lado, há outras variedades regionais em que a palatalização não ocorre ou apresenta baixos índices. Nessas variedades, observa-se que, em alguns casos, ocorre uma africada seguida de [i] e, em outros casos, ocorre uma oclusiva alveolar seguida de [i]. Em variedades não palatalizantes, não é esperado encontrar consoantes africadas;
- III. a africada alveopalatal é um som complexo, que envolve a articulação de um silêncio característico das oclusivas seguido da fricção que caracteriza as sibilantes. Sendo a africada constituída de (oclusiva+sibilante), podemos sugerir que haja similaridade fonética entre oclusivas e africadas. Assim, africadas devem ter emergido a partir de uma oclusiva que sofreu alterações articulatórias específicas;
- IV. a palatalização de oclusivas alveolares interage com outros casos de variação sonora. Por exemplo, em uma palavra como at[i]mosfera a epêntese cria o contexto para que a palatalização ocorra. A interação da palatalização com outros fenômenos de variação sonora contribui para a criação de padrões sonoros inovadores que reorganizam a gramática fonológica do português brasileiro.

Precisamos considerar, também, que no PB, /d/ e /t/, nos contextos especificados, são pronunciados como linguopalatais na maior parte do Brasil, como em [ˈdʒia] e [ˈtʃia] (ILARI; BASSO, 2007; CARDOSO, *et al*, 2014). Porém, é possível observar que falantes de algumas localidades de alguns estados brasileiros, por exemplo, da Paraíba, Pernambuco, Maranhão, entre outros, pronunciam /d/ e /t/ como linguodentais, ou seja, de forma despalatalizada.

2.2 DIALETOLOGIA

Nossa dissertação também se insere no âmbito das pesquisas dialetais, uma vez que busca identificar e analisar casos de palatalização e de manutenção das oclusivas [d] e [t] diante da vogal alta anterior, em duas diatópias, nos municípios maranhenses de Arari e de Pinheiro.

Segundo Dubois (1978, p. 185), Dialetologia é “a disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas dialetais em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhes os limites”. Assim, podemos dizer que o foco da Dialetologia é o estudo das falas regionais, é a correlação língua e espaço geográfico.

Para Cardoso (2010, p. 15), a “Dialetologia é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”.

Esse ramo dos estudos linguísticos surgiu no século XIX e tinha como preocupação primeira o registro e a descrição das variedades linguísticas regionais. De acordo com Rossi (1980, p. 3298), essa disciplina

se propõe a inventariar, sistematizar e interpretar as variantes de uma língua ou de um grupo de línguas definido por qualquer afinidade entre elas, com especial atenção à distributividade - espacial, cronológica, sociocultural etc.- dos traços linguísticos depreendidos. Baseia-se no princípio geral, formulado por Schuchardt, e de fácil comparação empírica, de que toda língua se caracteriza pela < unidade na diversidade > e pela diversidade na unidade.

Em se tratando da consolidação da Dialetologia, dois autores se destacam: o filólogo italiano Ascoli, que realizou estudo sistemático de traços linguísticos de línguas na atualidade; e Antonie Meillet, discípulo de Saussure, que em 1908 iniciou

os estudos dialetológicos indo-europeus com a publicação de *Les dialectes indo européens*. (GUEDES, 2012, p. 24).

Assim, no começo do século XIX, com o surgimento dos primeiros estudos dialetológicos, segundo Cardoso (2010), vivenciamos uma época histórica em que a individualidade geográfica das localidades era protegida pelo problema de comunicação entre as comunidades de falantes devido à falta de meios tecnológicos que facilitassem a comunicação e a influência linguística entre as localidades mais distantes. Destacamos que “Esses estudos resultaram da preocupação com a conservação e o registro de dados linguísticos, e tinham um caráter eminentemente rural” (GUEDES, 2012, p. 25).

A princípio, no século XX, a preocupação dos estudos dialetais era relacionada a dados linguísticos do meio rural. No entanto, mais tarde, esse estudo foi ganhando expansão e se estendendo aos meios urbanos.

Ratificando o anteriormente exposto, Cardoso (2010, p. 32) afirma que:

Os estudos dialetológicos propriamente ditos vêm a se iniciar num momento da história, século XIX, em que a individualidade geográfica de cada região estava resguardada seja pelo isolamento decorrente da frágil rede de estrada, seja pela dificuldade de comunicação, seja ainda, pela inexistência de meios tecnológicos que permitissem a interação à distância entre diferentes áreas.

Quanto à interrelação entre os estudos dialetológicos e os sociolinguísticos, Costa (2012, p. 3) afirma que os estudos dialetológicos contemporâneos, além de levarem em consideração “as características próprias da linguagem utilizada em determinadas regiões, com o propósito de identificar áreas dialetais mais ou menos coesas”, consideram também:

as variações verticais, ocorrendo uma inserção dos preceitos metodológicos da sociolinguística nas pesquisas de cunho dialetal que passam a considerar dados de ordem social em conjunto com a visão diatópica da língua. Assim é que os trabalhos geolinguísticos começam a fazer o controle sistemático de algumas variáveis como escolaridade, faixa etária e gênero do informante (COSTA, 2012, p. 2).

É incontestável, portanto, a importância da inclusão de fatores extralinguísticos em trabalhos que possuem viés geolinguístico e também a grande contribuição que isso vem proporcionando à Dialetologia.

2.2.1 Estudos dialetais no Brasil

Os estudos dialetológicos no Brasil, de acordo com Cardoso (1997, p. 2), visam descortinar os traços linguísticos no país. Assim, para a referida autora, a Dialetologia

propõe-se a investigar os aspectos variáveis do sistema linguístico, principalmente os que dizem respeito à variação geográfica, e bem antes das pesquisas sociolinguísticas, já se preocupava em demonstrar que a língua é um sistema variável devido a fatores diastráticos, diafásicos e diatópicos, assumindo que tais variações podem determinar a mudança da língua (CARDOSO, 1997, p. 2).

Esses estudos dialetológicos, no Brasil, iniciaram-se no final do século XIX e início do XX e tiveram algumas fases específicas, sendo que

Em uma primeira fase dos estudos (1826-1920) registram-se publicações como o Dicionário da Língua Brasileira (PINTO, 1832), o Vocabulário Brasileiro para servir de Complemento aos Dicionários da Língua Portuguesa (RUBIM, 1853), o Popularium Sul-riograndense e o Dialeto Nacional (ALEGRE, 1872), A Linguagem Popular Amazônica (VERÍSSIMO, 1884), obras que estavam voltadas para o reconhecimento da diversidade léxico-semântica do português brasileiro. (CARDOSO, 1997, p. 27).

Com a publicação do Dialeto Caipira (AMARAL, 1920), deu-se início à segunda fase dos estudos dialetais brasileiros. Nessa obra,

o autor realiza um estudo monográfico focalizando os níveis fonético, morfológico, sintático e lexical do português brasileiro. Também merece destaque a obra A Língua do Nordeste (MARROQUIM, 1934). Nessa segunda fase, são esses estudos de cunho monográfico, que ao lado dos glossários regionais, caracterizam os rumos dos estudos dialetais. (GUEDES, 2012, p. 28)

A terceira fase dos estudos dialetológicos, no Brasil, por sua vez, ocorreu com o Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que

determinou como principal atribuição da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. No projeto, destacam-se alguns dos nomes que construíram a dialetologia brasileira, como Serafim da Silva Neto, Antenor Nascentes, Celso Cunha, Nelson Rossi e outros. Mas a concretização desse projeto de âmbito nacional se tornou impossível naquele momento e as pesquisas de âmbito regional ganharam espaço entre os estudos dialetológicos brasileiros (GUEDES, 2012, p. 28).

Quanto à quarta fase dos estudos dialetais no Brasil, Guedes (2012, p. 28) diz que se “inicia em 1963, com a publicação do primeiro atlas linguístico regional do Brasil: o *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB*, sob a direção de Nelson Rossi, e segue até os dias atuais.”

Em relação à evolução dos estudos dialetológicos no Brasil ocorrida no final do século XX e início do século XXI, os pesquisadores Razky e Lima (2011, p. 350) enfatizam que:

No Brasil, sobretudo a partir de 1996 a Dialetologia e a Geolinguística tiveram um considerável avanço teórico-metodológico, resultante de um olhar multidimensional, que pode ser verificado em publicações científicas de grande porte, representadas, sobretudo pelos atlas regionais publicados a partir de 2001 no âmbito do atual Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

Conforme Aguilera (2006, p. 224), nas pesquisas realizadas pelas equipes dos atlas linguísticos estaduais que, na época, estavam em andamento, buscou-se certa homogeneidade quanto “ao perfil dos informantes, tanto no que se refere às faixas etárias quanto ao sexo, ao nível de escolaridade e ao número de informantes por localidade. A rede de pontos apresenta-se, pois, mais densa, como se espera de um atlas estadual.” Segundo a autora, a definição de quatro informantes por localidade explicita a tendência de projetos na perspectiva dos atlas pluridimensionais.

A proposta metodológica do ALiB evidencia, assim, a relação estabelecida com os procedimentos metodológicos da Dialetologia e da Geolinguística juntamente com os da Sociolinguística:

O ALiB, projetando um atlas de terceira geração, ou seja, nem monodimensional, nem bidimensional, propõe um atlas pluridimensional. Assim, aos procedimentos próprios da dialetologia e da geolinguística, agregaram-se outros da sociolinguística, tais como a inclusão sistemática de informantes dos dois sexos/gêneros, de duas faixas etárias – uma mais jovem e outra mais idosa – e, nas capitais, a inclusão de informantes de dois níveis de escolaridade: o básico e o superior (AGUILERA, 2006, p. 232).

Essa afirmação só ratifica a profícua correlação existente entre a Sociolinguística a Dialetologia e a Geolinguística para os estudos desenvolvidos a partir dos dados do ALiB e dos atlas linguísticos regionais, estaduais, produzidos.

2.3 GEOLINGUÍSTICA PLURIDIMENSIONAL

Antes de explicar a importância e em que consiste o caráter pluridimensional de que se revestiu a Geolinguística, ou seja, antes de abordar o cerne da Geolinguística Pluridimensional, é necessário considerar alguns antecedentes.

Nesse sentido, como afirma Rector (1975), a Geografia Linguística ou Geolinguística é um método da Dialetologia tradicional que se distingue desta disciplina por estudar os fenômenos análogos num espaço por meio de pesquisa e registro dos fatos comprovados em mapas.

Além disso, é importante mencionar que o termo Geografia Linguística, conforme Elizaincín e Thun (2010), antecede o que hoje se entende e denomina por Geolinguística, ou seja, o método possível e recomendável para capturar a variação da qual a Dialetologia se serve.

Assim, Coseriu (1987, p. 79) discorre que a Geolinguística

Designa exclusivamente um método dialetológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas lingüísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados

Jules Gilliéron é um dos grandes nomes da Geografia Linguística. Na verdade,

O nascimento da Geografia Lingüística como disciplina autônoma está associado à elaboração do Atlas Linguistique de la France (ALF) (1902-1910) de J. Gilliéron e E. Edmont, que, embora surja na seqüência de outros trabalhos desta natureza, é o primeiro atlas lingüístico a orientar-se pelos critérios mais rigorosos que esta disciplina veio a adotar (FERREIRA, *et al.*, 1996, p. 484).

Segundo Dubois (1978, p. 307), a Geolinguística é “o estudo das variações na utilização da língua por indivíduos ou grupos sociais de origens geográficas diferentes”. Barros (2017) afirma, também, que a Geolinguística representa um recorte de estudo da Dialetologia, visto que sistematiza a análise de dados por meio de mapas.

Nesse sentido, é válido considerar o posicionamento de Cardoso (2010, p. 67), visto que a referida autora afirma que “a geolinguística deve continuar a priorizar a variação diatópica, sem a busca obcecante da quantificação, mas tomando-a de

forma exemplificativa e não exaustiva, de modo a complementar os próprios dados reais”.

A autora ainda destaca a importância que o fator diatópico tem nas pesquisas dialetais quando afirma:

Se as diferenças espaciais ganham destaque em relação às demais é porque, na realidade dos fatos, as evidências de aproximação ou distanciamento dos fenômenos assumem expressão de maior nitidez e de mais fácil percepção nos espaços físicos, portanto geográficos. Tal visão conduziu a que os estudos geolinguísticos aflorassem em todos os continentes e apresentassem um continuado e crescente desenvolvimento, o que explica a expansão de projetos que levaram à construção de atlas linguísticos com diferenciadas visões espaciais. (CARDOSO, 2010, p. 47).

Monteiro (2008, p. 30), por sua vez, destaca que a Geolinguística tem o propósito principal de “elaborar análises minuciosas de variações dialetais, localizadas numa ampla área geográfica, apresentando em geral os resultados numa série de mapas reunidos”.

Reitera-se, conforme Rodrigues (2017, p. 25), que essa metodologia da Dialetologia “constitui uma das grandes conquistas da ciência da linguagem, pois a Dialetologia e a Geolinguística vêm se transformando e ampliando seu escopo de estudo com as mudanças que ocorreram na língua e em todo seu contexto sociocultural”.

Consequentemente, é válido mencionar que as pesquisas com abordagem Geolinguística tiveram uma ampliação no campo de observação. Por exemplo, com os avanços das pesquisas, a Geolinguística passou, também, a controlar variáveis sociais, a saber: relacionada à classe social (variação diastrática); relacionada à escolaridade (variação diafásica); relacionada ao sexo (variação diassexual); relacionada à faixa etária (variação diageracional). Constatando-se que o termo Geolinguística não contemplava toda essa amplitude, o professor e pesquisador Razky (1998) introduziu o termo Geossociolinguística.³

Conforme discorre Romano (2013, p. 145), a partir da década de 60, no âmbito dos estudos e pesquisas geolinguísticas foram consideradas novas orientações, uma vez que “passaram a inserir alguns pressupostos metodológicos da Sociolinguística,

³ É válido ressaltar que é comum em trabalhos acadêmicos encontrarmos uma variação terminológica: ora Geolinguística, ora Geolinguística Pluridimensional, e, mais recentemente, Geossociolinguística. Neste trabalho, usamos o termo Geossociolinguística, como já esclarecido no título desta dissertação, por concordarmos que explicita a plural dimensionalidade de que se revestiram os estudos dialetais brasileiros.

agregando à variável diatópica, variáveis sociais". Isso vem possibilitando que se entenda de forma mais ampla e coerente muitos fenômenos relacionados à variação linguística, pois é indiscutível "a importância e a necessidade de associar dados diastráticos, diagenéricos⁴, diageracionais, diarreferenciais e diamésicos aos dados diatópicos da Geolinguística iniciada por Wenker e Gilliéron, no final do século XIX." (AGUILERA; ALTINO, 2012, p. 871).

Dessa forma, Cardoso (2016, p. 5) reitera que os fatores de cunho social, por exemplo, a profissão, o sexo, a escolaridade, a idade "têm-se constituído em aspectos da variação que, de forma diferenciada e com graus distintos de focalização, vêm ocupando lugar nos estudos dialetais, especificamente naqueles que se desenvolvem sob a metodologia geolingüística".

É justamente nesse cenário que se insere a Geolinguística na perspectiva Pluridimensional. Para entender melhor, ainda é válido frisar que, tradicionalmente, a própria Dialetoлогия tinha um viés monodimensional, com trabalhos apresentando dados considerados apenas na dimensão diatópica. No entanto, a Dialetoлогия moderna passa a ter uma abordagem pluridimensional, em que Thun (1999) discorre que, nessa perspectiva, será utilizado parâmetros da Geolinguística e, também, da Sociolinguística.

Sendo assim, a Dialetoлогия Pluridimensional é vista como uma diversidade que engloba aspectos bidimensionais, tridimensionais e pluridimensionais. Conforme Thun (1998, p. 62), "a dialetoлогия pluridimensional [...] quando trabalha com a geolinguística, não pode cumprir sua missão sem fornecer visualizações adequadas das macroestruturas do espaço variacional".

Corroborando isso, Cardoso (2010, p. 63) destaca que

O falante é visto como um ser geograficamente situado, mas socialmente comprometido e em múltiplas direções. Os instrumentos de recolha de dados, por sua vez, vão se tornando capazes de captar a variação nas suas diferentes manifestações. Os questionários se diversificam; a natureza do interrogatório, da inquirição, atinge alto grau de especificidade; as formas de registro de dados captam não apenas a emissão, mas também as condições de que se reveste o ato de fala naquele momento, permitindo amplas considerações de ordem pragmática.

⁴ Embora na citação direta apareça o termo diagenérico, neste trabalho, utilizamos a denominação diassexual.

A Geolinguística Pluridimensional, conseqüentemente, leva em consideração a caracterização do perfil do informante visto como um indivíduo geograficamente localizado e envolvido socialmente no meio em que convive.

Em consonância com essa evolução, ressaltamos que os atlas linguísticos pluridimensionais, geralmente, investigam a variação diageracional, que diz respeito à variação decorrente da faixa etária do informante; a variação diassexual, que trata da variação relacionada ao sexo do informante; a variação diastrática, resultante da variação que ocorre entre estratos sociais ou profissionais; e a variação diafásica, resultante da variação que ocorre entre estilos de fala.

Ratificando o afirmado, Brandão (1991, p. 26) assegura que

hoje, torna-se imperativo, por exemplo, incluir, entre os critérios de escolha dos indivíduos que servirão de informantes para a formação do *corpus* de um atlas linguístico, variáveis como idade, sexo, nível de instrução, ou mesmo situação socioeconômica, a fim de que se revelem ao máximo as particularidades do sistema dialetal focalizado e se possam melhor conhecer os condicionamentos socioculturais que presidem à distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos.

Nessa perspectiva da Geolinguística Pluridimensional, várias pesquisas têm sido desenvolvidas no âmbito acadêmico. Na Região Nordeste, por exemplo, Santos (2018), em seu trabalho de conclusão de curso de graduação em Letras, pela Universidade Estadual de Feira de Santana – BA, orientado pela professora Josane Moreira de Oliveira, investigou a realização dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i] no interior do Maranhão, tendo por base os dados do ALiB. O trabalho é de cunho geossociolinguístico, predominantemente descritivo, e buscou analisar, de acordo com o quadro teórico-metodológico da Dialetologia e da Sociolinguística, as formas de realização dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i] na fala popular de Imperatriz (MA) e de Alto Parnaíba (MA). Segundo essa pesquisa, as comunidades maranhenses estudadas caracterizaram-se pela realização palatal dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i], pois, de um total de 2106 dados analisados, apenas corresponderam à realização dento-alveolar: seis em Alto Parnaíba (atacante, lanchonete, prateleira, vontade, diferente, diferença) e apenas um em Imperatriz (dente).

Santos (2012) investigou as africadas baianas como em *dojjo* (= doido), *muncho* (= muito), etc. Essa pesquisa foi feita considerando os fatores dialetal, linguístico e social que definiram a escolha do falante. Os resultados obtidos confirmaram a presença da variante palatalizada em todas as cidades estudadas e a

variável faixa etária revelou-se um fator importante para explicar o uso das “africadas baianas”: a segunda faixa etária apresentou uma maior frequência de uso e pesos relativos mais elevados.

Corrêa (2019), em sua dissertação de mestrado, realizou o estudo da variação dos fonemas /d/ e /t/ na comunidade de práticas da Universidade Federal de Sergipe (UFS). De acordo com os resultados alcançados, verificou-se que, quanto aos fatores externos, a variante palatal foi mais recorrente na fala de estudantes do final do curso, do sexo masculino. Além disso, considerando o aspecto geográfico, a variante palatal ocorreu com maior frequência na fala dos estudantes vindos de outros estados. Dessa forma, o maior tempo de inserção dentro de uma comunidade de práticas permite que o falante apresente maior engajamento e maiores chances de participação em eventos comunicativos, o que se refletiu no estudo para o incremento da frequência de uso da variante palatal.

Souza Neto (2008), em sua dissertação intitulada “As realizações dos fonemas /t/ e /d/ em Aracaju-SE”, registra os contornos e os resultados da pesquisa acerca da variação [t] e [tʃ] na fala de aracajuanos. Esse trabalho foi desenvolvido com base na Teoria da Variação Linguística. Os resultados apontaram as realizações [t] e [d] como as variantes que representam melhor o falar aracajuano, com uma restrição apenas: no ambiente com [j] no contexto fonológico precedente e com [i] no contexto fonológico seguinte, a aplicação da regra equivale ao uso das variantes complexas /tʃ/ e /dʒ/.

Silva Filho (2018), em sua pesquisa de doutorado, estudou sobre as oclusivas alveolares e africadas alveopalatais no Português de Recife. Entre as considerações apresentadas nos resultados do trabalho, constatou que a produção de africadas é emergente na fala espontânea de recifenses, e os contextos favorecedores da implementação dessa emergência são as sílabas postônicas, as oclusivas desvozeadas, o item lexical, o indivíduo, o sexo e a origem. Os contextos que não favoreceram a produção de africadas foram a frequência de ocorrência e a faixa etária. Assim, pôde-se confirmar que as africadas alveopalatais estão emergindo no Português de Recife, em contextos específicos.

Mota (2008) analisou, nas capitais nordestinas, as realizações das palatais dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i] (tia, dia) ou depois da semivogal [j] (muito, doido).

Os resultados mostram as diferenças entre o falar nordestino e o falar baiano e as ocorrências de subáreas no falar nordestino.

Além dos trabalhos voltados para a Região Nordeste, houve outros igualmente importantes como o de Dias (2009), que realizou um estudo sobre a palatalização dos fonemas /d/ e /t/ antes de algumas vogais no português falado na Lagoa da Pedra e Canabrava (TO); o de Battisti *et. al* (2007) sobre a “Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes de Antonio Prado-RS”; o de Valer, Marchesan, Rocha e Pereira (2006), sobre a palatalização das oclusivas coronais anteriores /d/ e /t/ em *corpus* coletado em áreas rurais de Santa Catarina, entre tantos outros.

Com base na explanação feita, reforçamos que o nosso trabalho trará contribuições aos estudos realizados na perspectiva da geossociolinguística em razão de ser inegável a interrelação que se estabelece entre a Dialetologia, Geolinguística e a Sociolinguística.

2.4 SOCIOLINGUÍSTICA

Como nos interessa investigar a realização dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i,i] condicionada a fatores externos à língua, mais especificamente, à localização geográfica, sexo, idade, entre outros, é importante fazer uma abordagem a respeito da Sociolinguística.

A Sociolinguística, de acordo com Mollica e Braga (2015, p. 19), pode ser caracterizada como “uma das subáreas da Linguística que estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais.” As referidas autoras complementam afirmando que “Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo” (MOLLICA e BRAGA, 2015, p. 19).

Cabe destacar que, embora os estudos sociolinguísticos sejam de suma importância para a compreensão de diversos fenômenos linguísticos, foi só no século XX que essa subárea alcançou autonomia e afirmou seu caráter interdisciplinar, conforme afirma Bortoni-Ricardo (2004, p. 11):

Como ciência autônoma e interdisciplinar, teve início em meados do século XX, embora haja vários linguistas que, muito antes dos anos 1960, já desenvolviam em seus trabalhos teorias de natureza claramente sociolinguística, como é o caso de Meillet [1866-1936], Bakhtin [1895-1975] e membros do Círculo Linguístico de Praga. Esses são pensadores que levavam em conta o contexto sociocultural e a comunidade de fala em suas pesquisas linguísticas, ou seja, não dissociavam o material da fala do produtor dessa fala – o falante –, pelo contrário, consideravam relevante examinar as condições em que a fala era produzida.

Nesse sentido, ressaltamos a necessidade de considerar o contexto social e cultural em pesquisas sobre variação linguística. Desse modo, é fato que a língua consiste em uma atividade social, por isso deve ser concebida como um fenômeno heterogêneo. Ratificando essa concepção, Castilho (2000, p.12) afirma que a língua, enquanto atividade social, corresponde

a um conjunto de usos concretos, historicamente situados, que envolvem sempre um locutor e um interlocutor, localizados num espaço particular, interagindo a propósito de um tópico conversacional previamente negociado. [...] é um fenômeno funcionalmente heterogêneo, representável por meio de regras variáveis socialmente motivadas.

Nesse cenário, é importante ressaltar que é, também, justamente no âmbito da Sociolinguística que o nosso trabalho se ancora, mais especificamente, no da Sociolinguística Variacionista que tem como foco principal a variação e a mudança linguísticas.

O principal estudioso da Sociolinguística foi o americano William Labov. Conforme Salgado (2009, p. 96), foi Labov que “apresentou uma metodologia, tendo como objeto de estudo a fala, observando seu contexto e indicando ser possível sistematizar o aparente caos linguístico”. Surge, então, a Teoria da Variação Linguística cuja principal conclusão é a de que a língua não é homogênea, ou seja, a língua em sua essência varia, gerando diversas variedades oriundas do meio social no qual o indivíduo está inserido.

A Sociolinguística Variacionista laboviana também é conhecida como “Sociolinguística quantitativa, por desenvolver pesquisas e análises que resultam em resultados estatísticos, com o intuito de analisar e descrever os dados da fala espontânea” (ALVES, 2017, p. 14) e tem como “objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente” (MOLLICA; BRAGA, 2015, p .9-10).

Seguindo, assim, os pressupostos estabelecidos por Labov (1972), Mollica e Braga (2003, p. 10), a variação constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Labov (1972) entende as variantes como diferentes formas de dizer a mesma coisa. Tarallo (1986, p. 8) ratifica isso afirmando que "variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade". Ressaltamos, também, que essas variantes podem permanecer estáveis num sistema, durante um período curto de tempo ou até por séculos, ou ainda sofrer mudança.

Assim, podemos dizer que, quando há a coexistência de variantes⁵, a tendência é que uma delas desapareça, provavelmente, a que é utilizada na fala dos idosos.

Destacamos que analisamos nosso objeto de estudo considerando a realização de duas formas linguísticas alternativas, ou seja, duas variantes: i) os fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ] como não palatal e ii) os fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ] como palatal, ambas verificadas na fala dos informantes dos municípios de Arari e de Pinheiro.

Reiteramos, por fim, a importância de pesquisas pautadas na Sociolinguística, pois, conforme afirma Bagno (2007, p. 22), os estudos sociolinguísticos têm um fundamental "papel a desempenhar na educação linguística dos cidadãos brasileiros, esse papel é de reconhecimento da heterogeneidade intrínseca da sociedade brasileira e, portanto, da inescapável heterogeneidade da nossa realidade linguística."

⁵ É importante pontuar que quando há variação, nem sempre, necessariamente, haverá mudança; porém, para que haja mudança é necessário que haja a variação.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos os passos metodológicos utilizados para o alcance dos objetivos propostos neste trabalho, os quais foram organizados em três etapas principais: i) contextualização da natureza da pesquisa; ii) *locus* da pesquisa: Arari e Pinheiro e iii) constituição dos dados da pesquisa, reorganizados em subtópicos, a saber: realização da pesquisa de campo em Arari e em Pinheiro; instrumento para a pesquisa de campo; perfil dos informantes; tratamento dos dados - uso do programa GoldVarb X e tratamento dos dados - a produção das cartas linguísticas.

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA NATUREZA DA PESQUISA

Em consonância com os objetivos desta dissertação, este trabalho é do tipo quali-quantitativo, uma vez que possui uma parte quantitativa, concretizada pelo levantamento de dados estatísticos submetidos a rodadas no programa GoldVarb X, e, também, uma parte qualitativa, já que submetemos esses dados à análise de potenciais fatores linguísticos e extralinguísticos favorecedores variação investigada. Dessa forma, pudemos realizar uma análise muito mais aprofundada sobre o tema pesquisado.

Ressaltamos ainda que, sobre os fatores extralinguísticos selecionados para análise, consideramos as variáveis localidade, sexo e faixa etária pois, além de compartilharmos da premissa de que é fundamental estabelecer a relação entre língua e sociedade, essas foram as variáveis estabelecidas pelo ALiMA para a coleta do *corpus* de Pinheiro, o qual serviu de base para a coleta dos dados de Arari. Em relação aos fatores linguísticos, selecionamos trabalhar com o contexto fonológico e posição de contexto em razão de serem considerados os mais pertinentes para o fenômeno investigado neste trabalho.

3.2 *LOCUS* DA PESQUISA: ARARI E PINHEIRO

Realizamos, primeiramente, uma breve apresentação dos municípios que são *locus* da pesquisa, com o intuito de apresentar alguns contextos importantes dessas localidades.

Assim, destacamos que Arari e Pinheiro são municípios que fazem parte da microrregião da Baixada Maranhense, a qual se localiza na região do entorno do Golfão Maranhense. Essa microrregião é formada por um relevo plano, suavemente ondulado, com extensas áreas rebaixadas que são alagadas durante o período chuvoso, originando grandes lagos interligados, associados aos baixos cursos dos rios Mearim, Grajaú, Pindaré e Pericumã. (FEITOSA, 2006).

Na Baixada Maranhense, as principais atividades econômicas apoiam-se nos recursos pesqueiros abundantes nos lagos e rios da região e na pecuária extensiva. Neste setor, a maior concentração de gado é empregada na bubalinocultura, em razão de os búfalos serem os animais mais adaptados às condições da região. (FEITOSA, 2006). Além disso, destacamos que a economia da Baixada Maranhense é também marcada pela subsistência e pelo extrativismo vegetal, principalmente, do babaçu.

O acesso à Baixada Maranhense pode ser feito por meio do sistema de ferry-boats que liga a cidade de São Luís ao porto de Cujupe, em Alcântara, além de ser feito por meio de ligações rodoviárias (BR-222, MA-014, e outras) e ferroviárias (Ferrovia Carajás).

Acrescentamos que a Baixada Maranhense é composta por 21 municípios – Anajatuba, Arari, Bela Vista do Maranhão, Cajari, Conceição do Lago-Açu, Igarapé do Meio, Matinha, Monção, Olinda Nova do Maranhão, Palmeirândia, Pedro do Rosário, Penalva, Perimirim, Pinheiro, Presidente Sarney, Santa Helena, São Bento, São João Batista, São Vicente Ferrer, Viana e Vitória do Mearim – e possui uma população predominantemente rural, com exceção de Arari, Pinheiro, Santa Helena, São Bento e Viana, que apresentam uma população urbana mais expressiva, segundo o censo 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Na Figura 4, apresentamos o mapa do Maranhão com a localização do município de Arari.

Figura 4 - Mapa de Arari- MA.

Fonte: WIKIPEDIA, 2020.

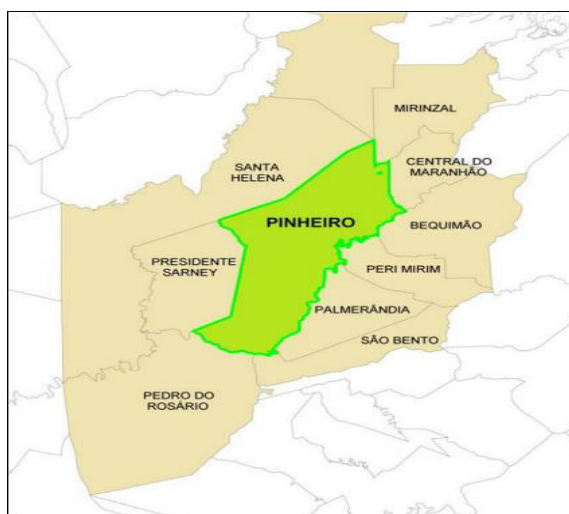
Arari possui uma população de 28.488 habitantes, conforme o censo de 2010, mas, de acordo com atualização feita em 2016, sua população está estimada em 29.297 habitantes, tendo uma área total de 1105,74 km². Primeira cidade da microrregião da Baixada Maranhense a partir da capital por via terrestre, Arari também é conhecida como o Portal da Baixada Maranhense.

Os principais festejos que acontecem em Arari são a Festa de Nossa Senhora da Graça (padroeira da cidade), Festa de Bom Jesus dos Aflitos, Congresso da União de Mocidade da Assembleia de Deus em Arari - UMADA e o Festival da Melancia (evento agrícola e cultural) (PREFEITURA DE ARARI, 2017).

A economia de Arari está voltada para a pesca, para a produção, colheita e comercialização de melancia e arroz. Além disso, o extrativismo animal e vegetal, a pecuária, a piscicultura e avicultura são atividades de grande importância para a geração de renda. Destacamos, ainda, que Arari já foi reconhecido como o segundo maior produtor de grãos do Maranhão, desenvolvendo um projeto pioneiro na plantação de arroz a partir de muda e não da semente (PREFEITURA DE ARARI, 2017).

Ressaltamos que, mesmo com a estrutura de uma pequena cidade do interior maranhense, Arari vem despontando no cenário econômico e cultural do Maranhão devido às suas festas e a seus aspectos naturais, como o fenômeno da pororoca que, em cada ano, alcança maior repercussão e atrai pessoas de outros estados brasileiros.

Em relação ao município de Pinheiro, na Figura 5, apresentamos o mapa do Maranhão com o limite municipal.

Figura 5 - Mapa do limite municipal de Pinheiro – MA.

Fonte: IBGE, 2007.

Destacamos que o município de Pinheiro possui uma população de 78.162 habitantes e está distribuída em uma área de 1.512,682 km². Do total populacional, 59,5% é urbana, correspondendo a 46.506,39 habitantes. Já a população rural é de 31.655,61 habitantes, o correspondente a 40,5% do total. (IBGE, 2012). Possui dois distritos – Pinheiro e Roque e conta com bairros e mais a área central, com predomínio de edificações uni familiares horizontais, característica urbana de municípios de porte do interior do Maranhão.

Pinheiro faz limite com os municípios de Santa Helena, Central do Maranhão, Pedro do Rosário, Presidente Sarney, Bequimão, Peri-Mirim, Palmerândia, São Bento, e Mirinzal. Distante 335 km, por via terrestre, da capital São Luís, a principal via de acesso ao município é marítima, utilizando-se o ferry-boat, embarcação que faz travessia da Baía de São Marcos ao povoado Cujupe, pertencente ao município de Alcântara. Após um trajeto de 17 km pelo mar, completa-se a viagem com mais 78 km pela rodovia estadual MA-106 (ARAGÃO, 2010).

O município de Pinheiro é banhado de norte a sul pelo rio Pericumã, principal curso d'água da região, que serve de divisa entre Pinheiro e Palmeirândia, São Vicente de Férrer, Viana, Peri-Mirim e Bequimão (VIEGAS *et. al.*, 2010).

Quanto à ocupação econômica, podemos dizer que a principal fonte de ocupação dos moradores do município é o setor terciário, notadamente, o do comércio, que sozinho responde por 1.627 postos de trabalho, seguido pelo setor de administração pública, com 1.516 postos em 2010. Somados, esses dois setores representam 79% do total de empregos formais no município em 2010.

Algo que é muito forte em Pinheiro são os festejos religiosos. Santo Inácio de Loiola é o padroeiro da cidade, a ele todo ano tem a festa que é considerada a principal atração religiosa (CÂMARA DE PINHEIRO, 2017).

Além do festejo religioso, destacamos um evento muito importante na cidade que é o carnaval. O carnaval de Pinheiro é considerado um dos maiores eventos que acontece no município, cerca de 40 mil pessoas de todos os cantos do país vêm visitar a cidade nesse período.

Sobre os dois municípios, é importante, ainda, considerar que, de acordo com Batalha (2011), Arari teve em sua origem influência de portugueses. O referido autor destaca que os primeiros exploradores exerceram influência tanto para o desenvolvimento local voltado para a agropecuária, como também ao viés religioso. Quanto à Pinheiro, de acordo com Gomes (2004), sua fundação foi atribuída ao fidalgo Inácio José Pinheiro, pecuarista, também de origem portuguesa.

O fato de termos tanto em Arari quanto em Pinheiro influência portuguesa, pode vir a reforçar e justificar o fato de, provavelmente, predominar nessas cidades da Baixada Maranhense a forma despalatalizada de /d/ e /t/, uma vez que, como já mencionado no Capítulo 2, segundo Silva *et al.* (2012), o português arcaico teria apenas consoantes oclusivas, tendo as africadas alveopalatais surgido em decorrência do processo de palatalização, o que nos possibilita dizer que uma provável constatação da realização despalatalizada dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ], em nossa investigação, confirmaria a conservação de [d, t] no PB falado no Maranhão.

Em suma, verificamos que as duas cidades selecionadas como *locus* desta pesquisa apresentam uma grande importância para a Baixada Maranhense, seja em seu aspecto econômico, histórico, social ou cultural. Além disso, são localidades que possuem uma riqueza e uma diversidade linguística que carecem de mais estudos para que, assim, seja possível compreendermos melhor a variedade linguística do português maranhense falado na Baixada Maranhense.

3.3 A CONSTITUIÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA

Para a realização deste trabalho, consideramos dois momentos fundamentais: primeiramente, a constituição do banco de dados com informações contidas na fala

dos informantes dos municípios de Arari e de Pinheiro e, posteriormente, o estudo e a análise dessas informações.

Os dados foram coletados em diferentes momentos: a) para a constituição do *corpus* de Pinheiro⁶, consideramos os já coletados, em pesquisa de campo, pelo Projeto ALiMA⁷; b) para a constituição do *corpus* de Arari, procedemos à realização de pesquisa de campo feita pela autora deste trabalho.

3.3.1 A realização da pesquisa de campo em Pinheiro e em Arari

A pesquisa de campo no município de Pinheiro foi realizada pela equipe do Projeto ALiMA nos anos de 2005 e 2006, a qual utilizou, entre outros questionários, o QFF que serviu de base para a coleta dos dados analisados nesta dissertação.

Para a pesquisa de campo em Arari, realizada nos anos de 2019 e 2020, seguimos os mesmos critérios adotados pela equipe do Projeto ALiMA para a coleta de dados em Pinheiro, a fim de termos os mesmos parâmetros para a análise. Assim, os quatro informantes de Arari atenderam ao seguinte perfil: pessoas de ambos os sexos, nascidas e criadas na localidade, distribuídas equitativamente em duas faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos – e com apenas um nível de escolaridade – Fundamental (incompleto).

Destacamos que o fato de a autora deste trabalho ter vivido 34 anos⁸ em Arari foi um facilitador na seleção dos informantes que obedecessem a esse perfil estabelecido e na realização da coleta de dados como um todo. Antes da aplicação do instrumento, procedemos a um diálogo com os informantes, explicando a natureza da pesquisa, sua importância e a necessidade de obtermos as respostas. Antes da coleta de dados, solicitamos autorização para gravar os inquéritos.

⁶ Como usamos o Questionário Fonético-Fonológico (QFF) elaborado pela equipe do Projeto ALiMA para a coleta de dados e como, dos municípios da Baixada Maranhense que selecionamos como *locus* da pesquisa, a equipe do projeto ALiMA já havia efetivado a coleta de dados do município de Pinheiro, utilizamos o *corpus* já coletado pelo ALiMA para procedermos à análise de dados em nossa dissertação.

⁷ O Projeto ALiMA conta com uma rede de pontos de inquérito formada por um total de 16 municípios maranhenses e se apoia em procedimentos metodológicos, por excelência, da Dialetologia, inserindo-se na categoria dos atlas linguísticos de terceira geração (cf. CARDOSO, 2010).

⁸ A pesquisadora, embora não seja natural de Arari, considera-se como sendo, uma vez que sua mãe só não realizou o parto em Arari por problemas de saúde e, por isso, foi para a capital São Luís, contudo, três dias após o parto, retornou com sua filha para Arari, onde esta permaneceu durante 34 anos de sua vida.

Nessa etapa, acreditamos que foi fundamental termos bastante envolvimento com a pesquisa para deixar os informantes bem à vontade. Tivemos todo o cuidado para que a fala dos informantes fosse espontânea, com o mínimo de monitoramento possível, para que constituísse, de fato, um *corpus* que contemplasse o vernáculo desse informante. Sobre o termo vernáculo, Tarallo (1986, p. 19) explica que

a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, idéias (*o que*) sem a preocupação de *como* enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao *como* da enunciação. Essas partes do discurso falado, caracterizadas aqui como vernáculo, constituem o material básico para a análise sociolinguística.

3.3.1.1 Instrumento para a pesquisa de campo

Para a coleta dos dados de Arari e para a seleção do *corpus* de Pinheiro, elegemos 18⁹ das 159 questões que compõem o QFF do ALiMA por instigarem nossos informantes a dar respostas que nos possibilitassem a análise da realização dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ], como podemos observar no Quadro 2.

Quadro 2 - Questões selecionadas do QFF do ALiMA.

QUESTÃO	PALAVRA	PERGUNTA
03	PRA <u>T</u> ELEIRA	... aquilo assim (mímica), onde se colocam objetos em casa (latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala...) ou produtos para vender nos supermercados, mercearias, etc.?
06	<u>T</u> ESOURA	... o objeto com que se corta tecido?
26	LIQUID <u>I</u> FICADOR	... um aparelho que é usado para fazer vitaminas, suco, etc.?
30	TOMAT <u>E</u>	... aquilo vermelho que vende na feira e que se usa para preparar o molho do macarrão?
49	ELEFANT <u>E</u>	... um animal grande que sempre se vê em circo, tem uma tromba assim (mímica)?
55	NOIT <u>E</u>	Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a _____?
56	<u>D</u> IA	E depois da noite, o que é que vem?
62	TARDE	Qual é o contrário de cedo?
69	<u>D</u> ESVIO	Quando uma estrada fica interrompida por algum problema, o que é que se faz ao lado para que os carros possam passar?
101	AD <u>V</u> OGADO	Que profissional se pode contratar para defender os interesses na Justiça?
104	INOCENT <u>E</u>	Quando um indivíduo é acusado, mas ele não praticou aquele crime, se diz que ele é o quê?

⁹ Para maiores esclarecimentos, apesar de termos nas respostas das questões palavras grafadas com a letra “e”, como é o caso de prateleira, tesoura, tarde, presente, desvio, desmaio, dentre outras, obtivemos muitas realizações dessas palavras com [i, ɪ] como em [ti'zorɐ], [prɛ'sɛtʃi], ['taxdɪ] [dʒismaj'o]. Por essa razão, optamos por conservá-las em nossas análises.

106	MENT <u>I</u> RA	Uma pessoa lhe conta um fato que você/ o (a) senhor (a) acha que não é verdade. Você /o (a) senhor (a) diz que é uma _____ ?
116	DEN <u>T</u> E	E isto? Apontar.
126	DESMA <u>I</u> O	Quando uma pessoa se sente mal, a vista fica turva, ela vai caindo no chão, sem sentidos, o que é que se diz que ela teve?
131	IR <u>M</u> ÃO	O que é que o irmão de seu pai ou de sua mãe é seu?
145	PRESEN <u>T</u> E	Quando uma pessoa faz aniversário, o que é que se costuma dar a ela, que vem embrulhado?
150	PERD <u>I</u> DA	Quando não se acha uma coisa, ela fica _____ ?
157	HÓSPED <u>E</u>	Em uma pensão, um hotel, as pessoas de outros lugares que chegam e ficam lá algum tempo são o quê?

Fonte: Elaborado pela autora com os dados do ALiMA, 2020.

Considerando o posto no Quadro 2, cabe ressaltar que, a priori, obteríamos 144 realizações resultantes das 18 questões selecionadas para serem respondidas pelos nossos oito informantes. Porém, conforme explicado anteriormente, foram retiradas, dessas 144 realizações esperadas, 16 realizações dos fonemas /d/ e /t/ ocorridas diante de [c, ε].

3.3.2 Perfil dos informantes

Para a constituição do nosso *corpus* de pesquisa, contamos com um total de oito informantes: quatro informantes do município de Arari e quatro do município de Pinheiro.

No Quadro 3, podemos verificar a distribuição dos informantes, de cada um dos municípios, segundo os critérios de perfil estabelecidos para esta pesquisa¹⁰. Sobre os códigos¹¹ utilizados na coluna código do informante, as letras iniciais correspondem à sigla do estado do Maranhão; seguida pelo número atribuído à localidade (MA 3 refere-se a Pinheiro e MA 19 refere-se a Arari); separado por uma barra diagonal com o número que representa o perfil do entrevistado: 1 e 2, referem-se aos entrevistados da faixa etária I (FI), que têm entre 18 e 30 anos; e 3 e 4, aos da faixa etária II (FII), que têm entre 50 e 65 anos. Os números ímpares indicam o sexo masculino e os pares, o feminino. Todos os informantes possuem apenas o Ensino Fundamental (EF).

¹⁰ Como já dito, o perfil estabelecido para os informantes de Arari é o mesmo adotado pelo Projeto ALiMA em relação ao município de Pinheiro.

¹¹ Obedecendo a critérios éticos, seguimos, para a codificação dos informantes de Arari, o mesmo padrão adotado pelo ALiMA para codificação dos informantes de Pinheiro.

Quadro 3 - Perfil dos informantes deste estudo.

LOCALIDADE	CÓD. DO INFOR.	FAIXA ETÁRIA	ESCOLARIDADE	SEXO
MA 3 (Pinheiro)	MA3/1	FI	EF	Masculino
	MA3/2	FI	EF	Feminino
	MA3/3	FII	EF	Masculino
	MA3/4	FII	EF	Feminino
MA 19 (Arari)	MA19/1	FI	EF	Masculino
	MA19/2	FI	EF	Feminino
	MA19/3	FII	EF	Masculino
	MA19/4	FII	EF	Feminino

Fonte: Elaborado pela autora com os dados do *corpus*, 2020.

3.3.3 Tratamento dos dados: uso do programa GoldVarb X

Para evidenciar o número de ocorrências totais de formas despalatalizadas e/ou de palatalizadas dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ], nos municípios de Arari e de Pinheiro, utilizamos o programa computacional GoldVarb X. Sobre esse programa, Dias (2019, p. 1) esclarece que se trata de um

programa elaborado especialmente para a quantificação dos dados e posterior análise sociolinguística. Ele surgiu a partir do pacote de programas tradicionalmente conhecido como Varbrul (do inglês Variable Rules), o qual tinha um programa específico para cada ação. Atualmente, o pesquisador conta com um único programa com as mesmas características, além de funcionar perfeitamente na plataforma Windows, o que antes só acontecia no MS-DOS.

O GoldVarb X nos permite, portanto, realizar análises considerando variáveis sociolinguísticas. Ao usar esse programa, pautamo-nos na concepção de que a língua é um sistema heterogêneo, conseqüentemente, o caso de variação linguística que observamos neste estudo não é aleatória, mas, condicionada por um conjunto de fatores internos e externos à língua.

É pertinente esclarecer que no programa GoldVarb X podem ser realizadas rodadas binárias (composta por duas variantes) ou eneárias (composta por três ou mais variantes). O nosso estudo é guiado pela perspectiva de variável dependente¹² chamada binária, pois ponderamos duas variantes: a realização palatalizada e a

¹² Sankoff (1988) expõe que o nome de variável dependente é dado a um conjunto de alternativas possíveis de realização de determinada forma linguística que se encontra dentro de certa comunidade, de uma língua, no mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade.

despalatalizada dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ], na fala dos informantes dos municípios de Arari e de Pinheiro.

Para apresentar os resultados desta dissertação, realizamos a codificação dos dados e fizemos rodadas binárias dos dados dos oito informantes dos municípios de Arari e de Pinheiro.

Para rodar os dados no programa GoldVarb X, temos que optar por uma das regras de aplicação, e a regra por nós escolhida foi o emprego da forma despalatalizada, por ser a que nos propusemos a investigar para confirmar ou refutar sua propalada realização na Baixada Maranhense.

Para que tenhamos uma visão mais ampla dos resultados obtidos a partir das rodadas feitas no programa computacional GoldVarb X¹³, no Quadro 4 apresentamos, na coluna da esquerda, as variáveis dependentes – realização despalatalizada e realização palatalizada – e as variáveis independentes¹⁴ - localidade, faixa etária, sexo, contexto fonológico e posição do contexto fonológico; na coluna da direita, consta a codificação para cada um desses fatores.

Quadro 4 - Arquivo de condição / codificação dos dados.

VARIÁVEIS DEPENDENTES		CÓDIGO	
Despalatalizada		D	
Palatalizada		P	
Não se aplica	Não lembra	NA	N.L
	Não obtida		N.O
VARIÁVEIS INDEPENDENTES		CÓDIGO	
LOCALIDADE	Pinheiro	O	
	Arari	I	
FAIXA ETÁRIA	Faixa I	p	
	Faixa II	s	
SEXO	Masculino	M	
	Feminino	F	
CONTEXTO FONOLÓGICO	/d/ antes de [i,ɪ] átono	1	
	/d/ antes de [i] tônico	2	
	/t/ antes de [i,ɪ] átono	3	
	/t/ antes de [i] tônico	4	
POSIÇÃO DO CONTEXTO FONOLÓGICO	Início	x	
	Meio	y	
	Fim	z	

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

¹³ Para mais informações e detalhes sobre o funcionamento desse software, tutoriais podem ser encontrados em Guy e Zilles (2007) ou em https://www.academia.edu/20023923/minicurso_goldvarb.

¹⁴ Variáveis independentes: “fatores que condicionam nossa escolha entre uma ou outra variante, e que permitem ao linguista sugerir em que tipo de ambiente, tanto linguístico quanto extralinguístico, uma variante tem maior probabilidade de ser escolhida em detrimento de sua(s) rival(is)”. (COELHO *et. al.* 2010, p. 166).

Ainda sobre o programa GoldVarb X, ressaltamos que ele calcula o Peso Relativo (PR)¹⁵ entre os fatores. Desse modo, após a realização da rodada, o referido programa apresenta o percentual das ocorrências e, a partir disso, é possível calcular o PR. Esse cálculo é necessário, já que considerar apenas o percentual não é tão confiável. Segundo Pacheco *et al.* (2014, p. 22), “o peso relativo, ou frequência relativa corrigida, é projetado em função das frequências relativas observadas”. A análise é feita de 0 a 1: acima de 0,5 o fator é favorável e, abaixo dele, é desfavorável; se o resultado for 0 ou 1, significa que não houve variação.

É importante mencionar que, no decorrer do uso do programa GoldVarb X, alguns problemas analíticos podem ocasionar falha no processamento, na execução e na rodada dos dados. Quando isso acontece, temos a ocorrência do que chamamos de nocaute KnockOut¹⁶ (ONOFRE, 2011). Isso ocorreu em nosso trabalho, tendo sido necessária a realização de uma segunda rodada no programa GoldVarb X, já que a primeira rodada apresentou erro.

Dito isso, para a primeira rodada demos o nome de rodada experimental, a fim de testar se realmente não teríamos nocaute. Essa rodada apresentou nocautes referentes aos fatores linguísticos - contextos fonológicos (/d/ antes de [e, ε] átono e /t/ antes de [e, ε] átono), os quais não apresentaram ocorrências de palatalização e, por essa razão, os excluímos, como mencionado na introdução deste trabalho.

A segunda rodada foi feita sem nenhum problema. Mostramos, no Capítulo 4, os resultados dessa rodada de dados dos municípios de Arari e de Pinheiro.

3.3.4 Tratamento dos dados: produção das cartas linguísticas

De acordo com o que é apresentado por Silva (2004, p. 19), a carta linguística é considerada pela Associação Cartográfica Internacional (ACI) como sendo “uma imagem convencionalizada, apresentando feições e características da realidade

¹⁵ O peso de um fator é calculado pelo GoldVarb X com base em um conjunto de dados que indica o efeito desse fator sobre o uso da variante investigada nesse conjunto.

¹⁶ KnockOut ou nocaute é uma terminologia de análise do GoldVarb (também utilizada em todos os programas da série Varbrul). Assim, o nocaute é um fator, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” (GUY; ZILLES, 2007, p.158). O nocaute é um problema analítico no processamento dos dados com GoldVarb, uma vez que, quando um grupo de fatores é zero, não há variação e o programa não tem com o que exprimir pesos e frequências.

geográfica, construída para uso quando as relações espaciais são de relevância fundamental”.

Para este trabalho, foram elaboradas cinco cartas linguísticas. A equipe de cartografia do projeto ALiMA, com a devida autorização da coordenação, repassou-nos um modelo que serviu para a produção das cartas linguísticas apresentadas. Cabe-nos ressaltar ainda que alguns integrantes dessa equipe de cartografia nos ajudaram, diretamente, na produção dessas cartas.

Nessas cartas linguísticas constam, além dos fatores linguísticos e extralinguísticos analisados, os nomes dos integrantes da equipe de cartografia do ALiMA que colaboraram conosco. Esses nomes se encontram no canto inferior direito das cartas.

Ressaltamos, também, que a revisão das cartas apresentadas, bem como a toda a análise linguística apresentada são de inteira responsabilidade da autora deste trabalho.

Ainda sobre as cartas linguísticas, cabe-nos informar que as mesmas foram geradas pelo programa QGIS¹⁷ 3.12 Bucuresti. Apresentamos, com essa ferramenta, a distribuição das respostas dos informantes, para cada questão, exibida graficamente em mapas inseridos. A representação das informações é realizada por meio de gráficos de colunas. Além do mapa com os gráficos, apresentamos, ainda, as legendas (nas cores vermelho, azul, verde, lilás, amarelo, preto, laranja, rosa, verde-amarelado, amarelo-giz) e porcentagens para representação dos fatores analisados.

Nesse sentido, verificamos quantas informações relevantes podemos explorar em uma pesquisa a partir da produção de cartas linguísticas. Portanto, enfatizamos que, para evidenciar o número de ocorrências das formas despalatalizadas e palatalizadas dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ] nos municípios de Arari e de Pinheiro, destacamos a importância de utilizar, além do programa GoldVarb X, as cartas linguísticas¹⁸ para a evidência de informações diatópicas, diageracionais e diassexuais.

¹⁷ Para mais informações sobre o programa QGIS 3.12 Bucuresti, acesse o site: <https://www.clickgeo.com.br/tutoriais-qgis-em-portugues/>.

¹⁸ Utilizamos o termo cartas linguísticas para nos referir aos dados linguísticos representados em um mapa geográfico.

Diante do exposto, apresentamos, no próximo capítulo, cinco cartas linguísticas acompanhadas de quadros e gráficos para subsídio da análise e interpretação dos fenômenos estudados.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos, em cartas linguísticas, os resultados obtidos mediante rodadas de dados feitas no programa GoldVarb X e os analisamos considerando a questão de pesquisa e hipóteses estabelecidas.

Para as rodadas no programa GoldVarb X, selecionamos a variante despalatalizada como regra de aplicação. Portanto, a interpretação dos índices percentuais e, posteriormente, dos pesos relativos se deu pelo caráter específico dos resultados encontrados no português falado por ararienses e pinheirenses para a aplicação da regra de despalatalização.

Além da análise e interpretação dos resultados obtidos em rodadas no GoldVarb X, apresentamos, também, análises com base em cartas linguísticas produzidas para enfatizar a influência dos fatores extralinguísticos e linguísticos.

Para otimizar a apresentação dos resultados obtidos, organizamos nossa análise em dois tópicos principais: a) fatores extralinguísticos (variável localidade, variável sexo, variável faixa etária); e b) fatores linguísticos (contexto fonológico e posição de contexto fonológico).

4.1 ANÁLISE GEOSOCIOLINGUÍSTICA

Primeiramente, mostramos, na Tabela 1, as ocorrências das variáveis dependentes – realização despalatalizada e realização palatalizada – registradas nos oito inquéritos das localidades investigadas, sendo quatro de Pinheiro e quatro de Arari, a fim de apresentar os resultados da distribuição geral dos dados.

Tabela 1 - Distribuição geral dos dados.

VARIÁVEIS DEPENDENTES	Nº de Ocorrências	%
Despalatalizada	20	17,7%
Palatalizada	93	82,3%
Total	113	100%

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Após a rodada dos dados no programa GoldVarb X, verificamos que das 113 realizações encontradas na fala dos informantes de Arari e Pinheiro, 93 configuram a

forma palatalizada dos fonemas /d/ e /t/, o que representa o percentual de 82,3%, contra 20 ocorrências da forma despalatalizada dos fonemas em questão, o que corresponde a 17,7% do total.

Como o objetivo geral deste trabalho foi investigar a realização dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ] nos municípios maranhenses de Arari e Pinheiro, os resultados obtidos contradizem a propalada realização despalatalizada dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ] na fala de maranhenses naturais dos municípios que representam a Baixada Maranhense neste estudo. Podemos afirmar, assim, que a historicamente disseminada realização despalatalizada desses fonemas nesses municípios, ao menos, já não é tão recorrente, dado o predomínio atual da realização palatalizada dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ] no contexto investigado.

Ressaltamos, ainda, que tivemos 15 realizações que não entraram na Tabela 1 por não se aplicarem a nenhuma das duas realizações (palatalizada e despalatalizada), já que não corresponderam ao objeto em análise. Em razão disso, agrupamos essas realizações em um conjunto denominado “Não se aplica”¹⁹.

Para uma melhor compreensão dessas ocorrências, apresentamos o Exemplo 1 e o Exemplo 2 retirados, respectivamente, do *corpus* de Arari, mais especificamente, da resposta dada à pergunta 157 do QFF do ALIMA: “Em uma pensão, um hotel, as pessoas de outros lugares que chegam e ficam lá algum tempo são o quê?” e do *corpus* de Pinheiro, mais especificamente, da resposta dada à pergunta 104 do QFF do ALIMA: “Quando um indivíduo é acusado, mas ele não praticou aquele crime, se diz que ele é o quê?”

Exemplo 1 - Ocorrência de N.O (não obtido).

(MA19/3)

INQ. – Em uma pensão, um hotel, as pessoas de outros lugares que chegam e ficam lá algum tempo são o quê?

[...]

INQ. – Então, eu estou aqui em Arari e vou para outro lugar, sei lá, eu vou para uma pensão, eu vou para um hotel. Como é que a gente chama essa pessoa?

INF. – Como chama a pessoa?

INQ. – É. Essa pessoa que está no hotel ou em uma pensão, é um?

INF. – Tá hospedado é?

INQ. – Isso. Como é que chama essa pessoa?

[...]

¹⁹ Para rodada no programa GoldVarb X, utilizamos o termo “Não se aplica” para nos referir às realizações que não corresponderam ao objeto em análise. “Não se aplica” engloba os casos de resposta “Não obtida” (N.O) e “Não lembra” (N.L).

INF. – Viajante.
 INQ. – É parecido com essa palavra que o senhor falou aí de hospedado. Então é um?
 [...]
 INQ. – Vamos pensar, depois a gente volta.
 [...]
 INQ. – Eu só vou voltar para aquelas perguntinhas, tá? Para ver se a gente consegue responder.
 INF. – Tá bom.
 INQ. – Em uma pensão, um hotel, as pessoas de outros lugares que chegam e ficam lá algum tempo são o quê?
 [...]
 INQ. – Eu tô num hotel. Eu fui fazer um trabalho lá em São Paulo. Eu tô num hotel, então, eu sou o quê nesse hotel?
 INF. – Tá hospedado.
 INQ. – É parecida com essa palavra.
 [...]
 INQ. – Então, eu quero lhe agradecer pela entrevista. Obrigada pela sua paciência em responder as nossas questões.

Fonte: *Corpus* coletado pela autora, 2020.

Conforme observado, no Exemplo 1, o informante MA19/3 não respondeu ao item esperado, o que tornou inviável a verificação da realização palatalizada ou despalatalizada do fonema /d/, no caso da palavra “hóspede”. Mesmo na retomada de perguntas, o informante arariense continuou apresentando respostas diferentes do esperado – “hóspede”.

De igual forma, no Exemplo 2, também não é possível a identificação da realização palatalizada ou despalatalizada do fonema /t/, caso do item “inocente”, pelo fato de o informante pinheirense declarar não se lembrar da palavra:

Exemplo 2 - Ocorrência de N.L (não lembra).

(MA03/1)
 INQ. - Quando um indivíduo é acusado, mas ele não praticou aquele crime, se diz que ele é o quê?
 INF. – Acusado.
 INQ. - Não, mas aí ele foi acusado, vai para o tribunal e aí se chega à conclusão de que ele não praticou aquele crime, que ele não fez aquilo. Então ele vai ser posto em liberdade...
 INF. - Culpado?
 INQ. - Não. Ele não é culpado, por isso que vai ser posto em liberdade, ele não é culpado.
 INF. - Não tô lembrando agora.

Fonte: Projeto ALiMA, 2005.

4.1.1 Fatores extralinguísticos

Desde um enfoque geossociolinguístico, investigamos a influência de fatores extralinguísticos²⁰ (localidade, faixa etária e sexo) e linguísticos (contexto fonológico e posição de contexto fonológico), bem como a correlação entre esses grupos de fatores, nas realizações dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ] na fala de ararienses e pinheirenses.

Em relação a isso, é importante fazer menção ao que Oliveira (2014, p. 3) destaca:

É através de modelos quantitativos que se podem estabelecer correlações entre fatos linguísticos e socioculturais, o que proporciona uma melhor visão da variação da língua, que é descrita em termos de regras variáveis, às quais se podem atribuir valores probabilísticos (ou pesos relativos) que predizem a ocorrência das variantes independentemente do corpus observado.

Para obter o peso relativo (PR) dos fatores extralinguísticos e dos fatores linguísticos, tivemos que fazer outra rodada estatística pelos motivos já explicados no capítulo de metodologia.

Dessa forma, procedendo às análises, verificamos que, de acordo com a segunda rodada, as variáveis extralinguísticas examinadas (com exceção da variável localidade) apresentaram um PR que favorece a despalatalização, variante tida como regra de aplicação. Além disso, as variáveis linguísticas se mostraram relevantes em nossas análises.

4.1.1.1 Variável localidade

Sobre a variável localidade, com o intuito de refinar a nossa análise em relação à variável dependente forma despalatalizada, verificamos que, entre as localidades investigadas, Arari foi o município onde mais ocorreu a despalatalização dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ]²¹, conforme apresentado na Tabela 2 a seguir.

²⁰ Ressaltamos que, por se tratar de rodadas binárias, não teríamos como selecionar a variável escolaridade, pois, considerando o perfil dos informantes estabelecido pela equipe do ALiMA, os inquéritos com informantes de nível superior foram feitos apenas na capital, São Luís.

²¹ É válido frisar que, mesmo Arari tendo um percentual maior de ocorrência da variante despalatalizada, a diferença em relação ao município Pinheiro não é tão expressiva, visto que se deu pela diferença de apenas duas realizações.

Tabela 2 - Localidades investigadas.

LOCALIDADES	Apl/Total	%
Pinheiro	9/57	15,8%
Arari	11/56	19,6%
Total	20/113	17,7%

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Desse modo, das 20 realizações despalatalizadas encontradas na fala dos informantes de Arari e Pinheiro, 11 foram realizadas no município de Arari, representando um percentual de 19,6%; ao passo que, em Pinheiro, tivemos nove realizações, o que corresponde a um percentual de 15,8%.

Figura 6 – Apresentação da rodada²² de dados nº 1 no GoldVarb X – Localidades.

Group		D	P	Total	%
1 (2)		D	P		
I	N	11	45	56	49.6
	%	19.6	80.4		
O	N	9	48	57	50.4
	%	15.8	84.2		
Total	N	20	93	113	
	%	17.7	82.3		

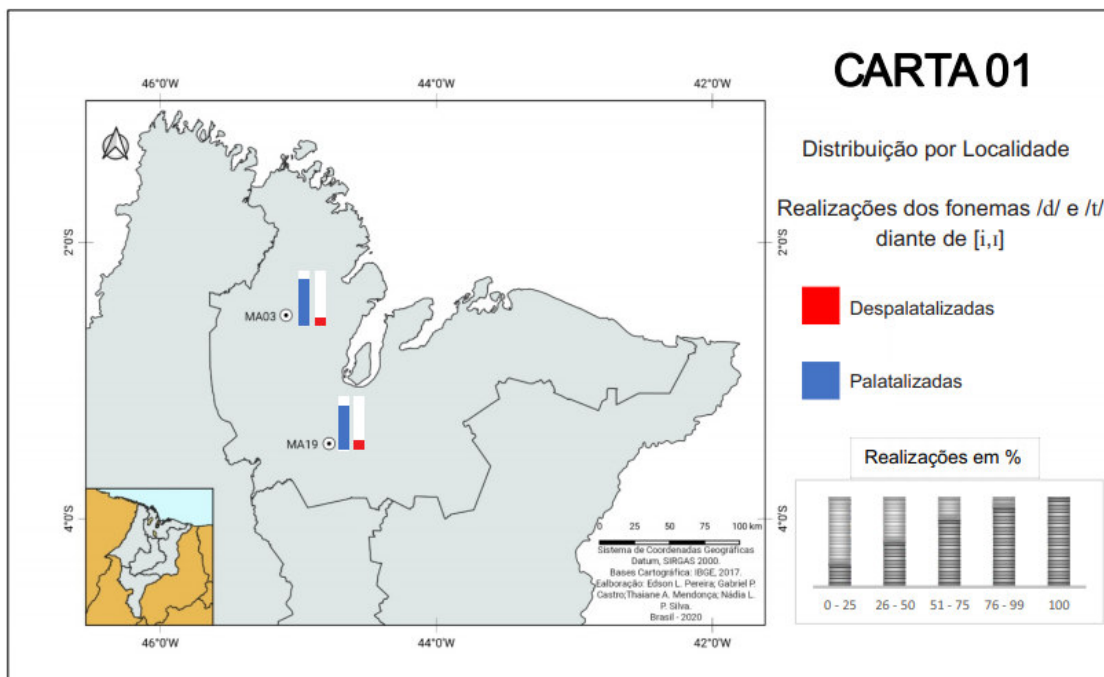
Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Na Figura 6, destacado de vermelho, temos o código (I) do município de Arari, a quantidade de realizações despalatalizadas, bem como o percentual de ocorrências. Ainda sobre os dados da localidade, procedemos à análise diatópica. A variação diatópica ou geográfica diz respeito à relação da identidade e da cultura das comunidades de fala que residem em diferentes regiões. A partir disso, é possível reconhecer que determinado falante se distingue de outros falantes por pertencer a uma determinada região (localidade).

²² Apresentamos as rodadas no programa GoldVarb X acompanhando as tabelas com os valores percentuais para uma melhor análise.

Nesse contexto, na Carta 1, apresentamos os resultados referentes a ambas formas de realização dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ] nos municípios de Pinheiro e Arari.

Carta 1 - Distribuição por localidade: realizações despalatalizadas x palatalizadas.



Fonte: Banco de dados do ALiMA e da autora – carta elaborada²³ por Pereira *et al.* e revisada pela autora (2021)

Os resultados revelam que a localidade não foi considerada um fator tão determinante na realização das formas despalatalizada e palatalizada, pois, conforme a Carta 1, as porcentagens tanto para a despalatalização quanto para a palatalização são bem próximas nos dois municípios investigados. Ainda assim, observamos uma leve concentração da despalatalização no município de Arari em relação a Pinheiro.

Ainda que os dados analisados não confirmem a predominância da realização despalatalizada dos fonemas /d/ e /t/, diante de [i, ɪ] nos municípios de Arari e Pinheiro, como popular e historicamente propagado, é muito precoce afirmar que, conseqüentemente, a forma despalatalizada tende a desaparecer nessas localidades, uma vez que uma nova configuração social poderá vigorar num futuro e favorecer o uso dessa variante.

²³ Carta elaborada pelos membros da equipe cartográfica do ALiMA, a saber: Edson L. Pereira, Gabriel P. Castro, Thaisane A. Mendonça e Nádia L. P. Silva.

A exemplo disso, temos o caso do r- retroflexo /ʁ/ que Amaral (1955[1920]) chegou a sustentar que poderia vir a desaparecer do dialeto caipira em um determinado prazo de tempo, contudo, no momento atual, o que podemos constatar é a preservação desse r- retroflexo /ʁ/. Aguilera e Silva (2015) reafirmam essa preservação atribuindo-a uma nova configuração social do caipira e um sentimento de identidade que é explicado pelas autoras como conceito de prestígio que está ligado à vontade do falante de conservar sua identidade dentro de seu grupo social.

4.1.1.2 Variável sexo

Em relação à variável sexo, verificamos, conforme a Tabela 3, que os informantes do sexo masculino tendem a fazer mais uso da variante despalatalizada.

Tabela 3 - Ocorrências da forma despalatalizada de acordo com o sexo.

SEXO	Apl/Total	%	PR
Masculino	16/50	32%	0.83
Feminino	4/63	6,3%	0.21
Total	20/113	17,7%	-
			<i>Range: 0.62</i>

²⁴*Input: 0.05*

²⁵Significância: 0.02

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Constamos que, das 20 realizações despalatalizadas, 16 foram efetivadas por homens, tendo sido atribuído a eles um PR²⁶ de 0.83; ao passo que as mulheres utilizaram menos a variante despalatalizada, resultando em um PR de 0.21. Podemos

²⁴ “O *input* representa o nível geral de uso de determinado valor da variável dependente. O *input*, numa análise dos dados, representaria a taxa básica, e, embora seja calculado na base de critérios complexos demais para discutir aqui, deve se aproximar do nível de 0,40, dadas certas expectativas sobre a distribuição equilibrada dos dados”. (GUY, ZILLES, 2007, p. 238).

²⁵ “Significância estatística é essencialmente um modo de estimar a probabilidade de se obter determinada distribuição de dados pressupondo certas características quanto à natureza da fonte de onde os dados foram extraídos”. (GUY, ZILLES, 2007, p. 85).

²⁶ “Deve-se sempre lembrar que os percentuais nos dão as frequências de ocorrência das variantes nos contextos examinados, e que elas resultam de um cálculo univariado (não levam em conta, simultaneamente, a distribuição dos dados em relação a outros grupos de fatores), ao passo que os pesos relativos calculam os efeitos dos fatores de cada grupo em relação ao nível geral de ocorrência das variantes e resultam de uma análise multivariada. O efeito, assim calculado, pode ser neutro (0,50), favorecedor (acima de 0,50) ou desfavorecedor (abaixo de 0,50) em relação à aplicação da regra em estudo” (GUY, ZILLES, 2007, p. 211).

melhor ratificar isso quando analisamos o resultado do *range*²⁷ dos PR's que foi de 0,62.

Figura 7 - Apresentação da rodada de dados nº 2 no GoldVarb X – Sexo.

2 (3)		D	P		
M	N	16	34	50	44.2
	%	32.0	68.0		
F	N	4	59	63	55.8
	%	6.3	93.7		
Total	N	20	93	113	
	%	17.7	82.3		

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Para exemplificação dos dados acima, seguem, abaixo, trechos que comprovam as realizações despalatalizadas dos fonemas em análise por informantes do sexo masculino.

Exemplo 3 - Realização da variante despalatalizada (informante de Pinheiro da faixa etária I - masculino).

(MA03/1)

INQ. – E depois da noite, o que é que vem?

INF. – Dia [ˈdiɐ]

Fonte: Projeto ALiMA, 2005.

Exemplo 4 - Realização da variante despalatalizada (informante de Pinheiro da faixa etária II - masculino).

(MA03/3)

INQ. – O objeto com que se corta tecido?

INF. – Tisôra [tiˈzɔrɐ]

Fonte: Projeto ALiMA, 2005.

²⁷ A respeito do *range*, convém dizer que “A força [de uma variável] é medida pelo *range*, que é então comparado com os *ranges* dos outros grupos de fatores significativos. O *range* é calculado subtraindo-se o peso mais baixo do peso mais alto. Quando estes números são comparados para cada um dos grupos de fatores de uma análise, (a diferença de) número mais alto identifica a restrição mais forte. O número mais baixo identifica a restrição mais fraca [...] *range* (ou a magnitude do efeito) nos permite situar um grupo de fator em relação a outro. Ele também pode ser usado para comparar a gramática variável dos traços linguísticos entre as análises” (TAGLIAMONTE, 2006, p. 242)

Exemplo 5 - Realização da variante despalatalizada (informante de Arari da faixa etária I - masculino).

(MA19/1)

INQ. – ... aquilo assim (mímica), onde se colocam objetos em casa (latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala...) ou produtos para vender nos supermercados, mercearias.

INF. – Partilêra [paxti'lerɐ]

Fonte: *Corpus* coletado pela autora, 2020.

Exemplo 6 - Realização da variante despalatalizada (informante de Arari da faixa etária II - masculino).

(MA19/3)

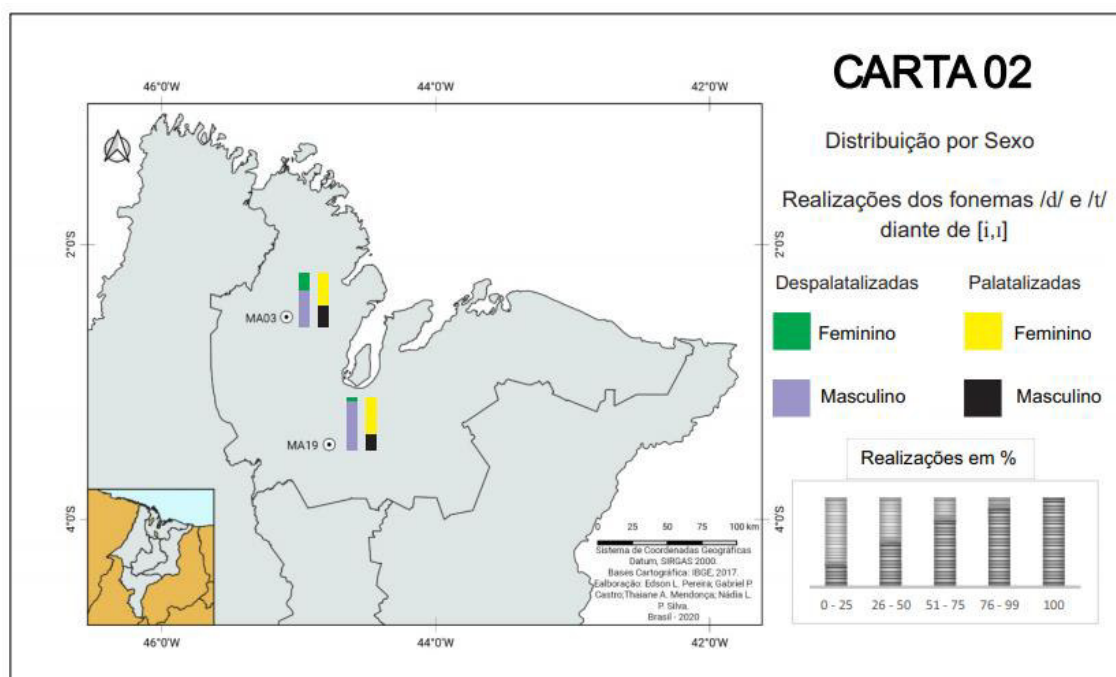
INQ. – ... um aparelho que é usado para fazer vitamina, suco, etc.? O senhor pega, por exemplo, uma banana, corta e coloca nesse aparelho.

INF. – Liquidificadô [likidifika'do]

Fonte: *Corpus* coletado pela autora, 2020.

A Carta 2, a seguir, evidencia a influência que o fator sexo exerceu na realização despalatalizada ou palatalizada dos fonemas analisados.

Carta 2 - Distribuição por sexo: realizações despalatalizadas x palatalizadas.



Fonte: Banco de dados do ALiMA e da autora – carta elaborada por Pereira *et al.* e revisada pela autora (2021)

Procedendo às análises, verificamos que, considerando o fator diasssexual, os informantes do sexo masculino tendem a fazer mais uso da variante despalatalizada nos dois municípios alvos de nossa investigação e que é no município de Arari (MA19)

que se concentra a maior porcentagem de realizações da forma despalatalizada, 91%. Já a forma palatalizada é mais usada pelas informantes do sexo feminino.

Para melhor visualização desses dados, apresentamos o Quadro 5, no qual os números representam a quantidade de realizações das variantes.

Quadro 5 - Resultado: fator diasssexual obtido com as questões do QFF.

LOCALIDADES	VARIANTE	SEXO		TOTAL
		MASCULINO	FEMININO	
PINHEIRO MA03	Despalatalizada	06	03	09
	Palatalizada	19	29	48
ARARI MA19	Despalatalizada	10	01	11
	Palatalizada	15	30	45

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

No município de Pinheiro, das nove realizações despalatalizadas, seis foram de informantes do sexo masculino, totalizando um percentual de 67%, e apenas três realizações despalatalizadas foram feitas por informantes do sexo feminino, resultando em um percentual de 33%.

Em Arari, o número de realizações despalatalizadas oriundas de informantes do sexo masculino foi bem maior, das 11 realizações, 10 foram realizadas pelos homens, o que representa 91%, e apenas uma pelas mulheres, cujo percentual é de 9%.

Alguns estudos mostram, dentre eles o de Labov (1972), que as mulheres são mais conservadoras do que os homens. Diz-se que, geralmente, elas preferem usar as variantes valorizadas socialmente. Esses resultados, segundo Paiva (2004), demandam cuidado, pois os papéis feminino e masculino, nas diferentes sociedades, estão constantemente passando por transformações. A autora recomenda que o mais adequado é correlacionar sempre a variável sexo com a variável faixa etária da população e, caso possível, com a história social das diferentes comunidades investigadas, levando em consideração as transformações culturais e as mudanças comportamentais das faixas etárias mais jovens.

Dessa forma, levando em consideração Paiva (2004), faz-se necessário, futuramente, realizar investigações mais acuradas sobre o que, de fato, é considerado variante conservadora e o que é variante de prestígio nos dois municípios investigados em nosso trabalho para podermos afirmar com maior precisão se, atualmente, em

Arari e em Pinheiro, de acordo com o resultado das nossas análises, o sexo masculino utiliza a variante considerada conservadora ou a variante considerada de prestígio.

Para o momento, retomando os objetivos específicos desta dissertação que visam identificar e analisar os fatores linguísticos e extralinguísticos responsáveis pela realização despalatalizada ou palatalizada dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, i] nas localidades investigadas, reforçamos que, de acordo com os resultados obtidos mais especificamente quanto à variável sexo, nos dois municípios, os homens tenderam a fazer mais uso da variante despalatalizada e as mulheres, da forma palatalizada.

4.1.1.3 Variável faixa etária

Quanto à variável faixa etária, verificamos que os informantes da faixa etária II tendem mais ao uso da variante despalatalizada, quando comparados aos da faixa etária I.

Tabela 4 - Ocorrências da forma despalatalizada de acordo com a faixa etária.

Faixa Etária	Apl/Total	%	PR
Faixa I	4/57	7%	0.23
Faixa II	16/56	28,6%	0.77
Total	20/113	17,7%	-
			<i>Range: 0,54</i>
<i>Input: 0.05</i>			Significância: 0.02

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Podemos observar, na Tabela 4, o PR de 0.77 para os informantes da faixa etária II, ao passo que os da faixa etária I obtiveram um PR de 0.23, o que justifica a menor ocorrência da forma despalatalizada entre os informantes da faixa etária I.

Figura 8 - Apresentação da rodada de dados nº 3 no GoldVarb X – Faixa Etária.

3 (4)		D	P		
p	N	4	53	57	50.4
	%	7.0	93.0		
s	N	16	40	56	49.6
	%	28.6	71.4		
Total	N	20	93	113	
	%	17.7	82.3		

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Os destaques feitos na Figura 8 indicam que a variante despalatalizada, apesar de ser a menos utilizada nos municípios de Arari e Pinheiro, como já mostrado anteriormente, ainda é a mais utilizada pelos falantes da faixa etária II e a menos realizada pelos falantes da faixa etária I, nesses dois municípios, corroborando o dito por Naro (1994, p. 81): “os falantes mais velhos costumam preservar as formas antigas”.

Entendamos, em nosso trabalho, como “forma antiga” a utilização das consoantes oclusivas /d/ e /t/, forma primeira encontrada no latim que propiciou, em decorrência do processo de palatalização, o surgimento das africadas alveopalatais.

Apresentamos, a seguir, exemplos de realização da variante despalatalizada por informantes da faixa etária II.

Exemplo 7 - Realização da variante despalatalizada (informante masculino de Pinheiro – faixa etária II).

(MA03/3)

INQ. – Quando uma pessoa faz aniversário, o que é que se costuma dar a ela, que vem embrulhado?

INF. – Presenti. [pre'sêti]

Fonte: Projeto ALiMA, 2005.

Exemplo 8 - Realização da variante despalatalizada (informante feminino de Pinheiro - faixa etária II).

(MA03/4)

INQ.– Quando uma pessoa se sente mal, a vista fica turva, ela vai caindo no chão, sem sentidos, o que é que se diz que ela teve?

INF.– Um dismaiu. [dis'maju]

Fonte: Projeto ALiMA, 2005.

Os Exemplos 7 e 8 foram retirados do *corpus* de Pinheiro, mais especificamente, das respostas dadas à pergunta 145 do QFF do ALIMA: Quando uma pessoa faz aniversário, o que é que se costuma dar a ela, que vem embrulhado? e na pergunta 126 do QFF do ALIMA: Quando uma pessoa se sente mal, a vista fica turva, ela vai caindo no chão, sem sentidos, o que é que se diz que ela teve?

Observamos que os dois informantes da faixa etária II, do município de Pinheiro, realizaram o fonema /t/, na palavra “presente”, como [t] e o fonema /d/, na palavra “desmaio,” como [d], ambos de forma despalatalizada.

Exemplo 9 - Realização da variante despalatalizada (informante masculino de Arari - faixa etária II).

(MA19/3)

INQ. – Aquilo, assim... (mímica) geralmente é feio de madeira e serve para a gente colocar as coisas. Quando a gente vai ao supermercado, que a gente vai comprar o óleo, que a gente vai comprar o açúcar, ele está nesse objeto, como é o nome desse objeto?

INF. – São partilêra [paxti'leɾɐ]

Fonte: *Corpus* coletado pela autora, 2020.

Exemplo 10 - Realização da variante despalatalizada (informante feminino de Arari - faixa etária II).

(MA19/4)

INQ. – ... um aparelho que é usado para fazer vitamina, suco, etc.?

INF. – É liquidificadô [likidifika'do]

Fonte: *Corpus* coletado pela autora, 2019.

Os Exemplos 9 e 10 foram extraídos do *corpus* de Arari com base nas respostas dadas às perguntas 03 do QFF do ALIMA: ... aquilo assim (mímica), onde se colocam objetos em casa (latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala...) ou produtos para vender nos supermercados, mercearias, etc.? e 26 do QFF do ALIMA: ... um aparelho que é usado para fazer vitamina, suco, etc.?

Conforme comprovam esses exemplos, os dois informantes da faixa etária II, do município de Arari, realizaram o fonema /t/, na palavra “prateleira”, como [t] e o fonema /d/, na palavra “liquidificador”, como [d], ou seja, ambos de forma despalatalizada.

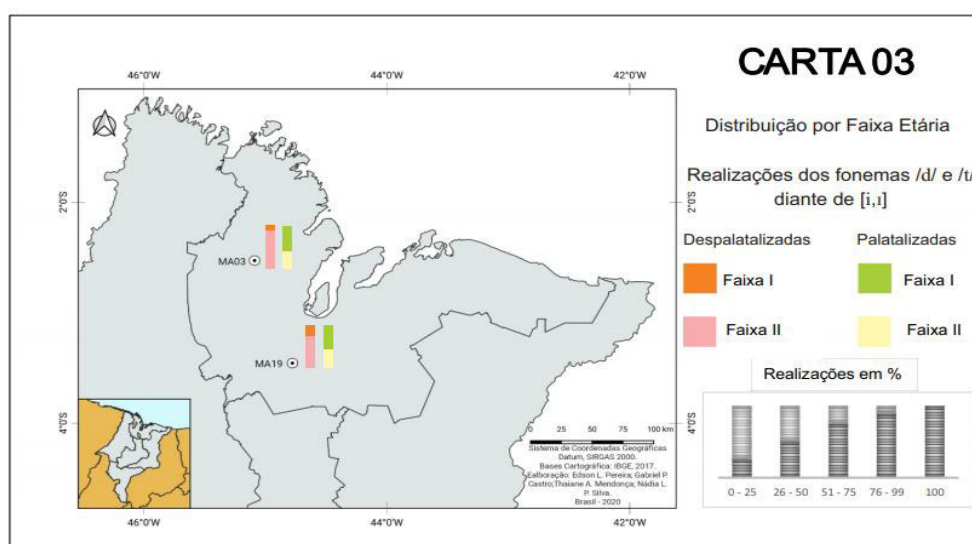
Considerando a análise da aplicação da regra por grupo etário nos quatro exemplos apresentados, os dados apontam para uma provável mudança em tempo aparente porque a conclusão geral é a de que falantes jovens palatalizam mais do que

falantes mais velhos, o que sugere que a variante palatalizada pode vir a progredir nos municípios de Arari e Pinheiro, conseqüentemente, a tendência natural é que a variante despalatalizada possa vir a deixar de ser empregada com o passar dos anos, por ser mais utilizada por pessoas mais idosas, a não ser que algum fator externo importante intervenha no processo, retomando a utilização mais frequente da forma despalatalizada.

Ressaltando a importância da análise dos resultados referentes à variável faixa etária²⁸ em nossa investigação, destacamos que uma explicação para o efeito condicionador do grupo etário mais jovem, como sugerido por Battisti e Dornelles Filho (2012), está no fato de, atualmente, os jovens terem mais locomoção territorial, ou seja, conseguem se deslocar com mais frequência a centros urbanos maiores, com o intuito de estudar, trabalhar, para atividades de lazer, e depois regressam às suas localidades onde seguem morando. Nessas situações, aumentam as oportunidades de convívio com pessoas de outras comunidades, tornando sua fala mais passível a inovações.

A Carta 3 apresenta o resultado das análises sobre as faixas etárias I e II dos informantes dos municípios de Pinheiro e Arari quanto à despalatalização e à palatalização.

Carta 3 - Distribuição por faixa etária: realizações despalatalizadas x palatalizadas.



Fonte: Banco de dados do ALiMA e da autora – carta elaborada por Pereira *et al.* e revisada pela autora (2021)

²⁸ Essa variável indica se determinado fenômeno da variação linguística está estável ou está em progresso num estudo em tempo aparente. Em geral, os falantes mais jovens são mais inovadores e os falantes mais velhos costumam preservar formas mais antigas.

O fator diageracional, de acordo com a Carta 3, apresentou influência significativa, principalmente, quanto à variante despalatalizada nos municípios investigados. Os informantes da faixa etária II fazem mais uso da variante despalatalizada nos dois municípios alvos de nossa investigação. Nessa faixa etária, é o município de Pinheiro (MA03) que concentra o maior percentual de realizações da forma despalatalizada, 89%, contra apenas 11% de realizações da forma despalatalizada para a faixa etária I.

Já para a forma palatalizada, apesar de os percentuais não serem significativamente diferentes entre as duas faixas etárias, são os informantes da faixa etária I que mais usam essa forma, a saber, Pinheiro: 58% faixa etária I e 42% faixa etária II; Arari (MA19): 56% faixa etária I e 44% faixa etária II.

Para melhor visualização desses dados, apresentamos o Quadro 6, no qual os números representam a quantidade de realizações das variantes.

Quadro 6 - Resultado: fator diageracional obtido com as questões do QFF.

LOCALIDADES	VARIANTE	FAIXA ETÁRIA		TOTAL
		FAIXA I	FAIXA II	
PINHEIRO MA03	Despalatalizada	1	8	9
	Palatalizada	28	20	48
ARARI MA19	Despalatalizada	3	8	11
	Palatalizada	25	20	45

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Esses números indicam que a variante despalatalizada, apesar de ter uma frequência de uso menor do que a variante palatalizada, nos municípios de Arari e Pinheiro, ainda é a mais usada pelos informantes da faixa etária II, principalmente, no município de Pinheiro. Nesse sentido, os nossos dados confirmam a postulação laboviana de que as variantes inovadoras²⁹ são mais comuns na fala de pessoas mais jovens (TARALLO, 2002).

²⁹ Para este trabalho, as “variantes inovadoras” são as consoantes africadas alveopalatais, ocasionadas pela configuração do sistema latino ao incorporar novos segmentos no sistema do português.

4.1.2 Fatores linguísticos

Além das variáveis extralinguísticas, consideramos igualmente importante investigar os fatores linguísticos, visto que também nos fornecem dados indispensáveis para uma análise mais ampla e aprofundada das realizações despalatalizada e palatalizada dos fonemas investigados. Dessa forma, selecionamos para este estudo os grupos de fatores – contexto fonológico e posição de contexto fonológico.

4.1.2.1 Contexto Fonológico

Para proceder à análise geossociolinguística, pautamo-nos em quatro contextos fonológicos considerados relevantes para os fenômenos investigados nos dois municípios que representam a Baixada Maranhense, são eles:

Contexto Fonológico 1 - /d/ antes de [i,ɪ] átono;

Contexto Fonológico 2 - /d/ antes de [i] tônico;

Contexto Fonológico 3 - /t/ antes de [i,ɪ] átono;

Contexto Fonológico 4 - /t/ antes de [i] tônico.

Em relação à variável contexto fonológico, verificamos que o contexto fonológico mais favorecedor da variante despalatalizada foi o contexto 1 (/d/ antes de [i,ɪ] átono), conforme Tabela 5 a seguir.

Tabela 5 – Ocorrências da forma despalatalizada de acordo com o contexto fonológico.

Contexto Fonológico	Apl/Total	%	PR
1 (/d/ antes de [i,ɪ] átono)	7/26	26,9%	0.76
2 (/d/ antes de [i] tônico)	5/16	31,2%	0.47
3 (/t/ antes de [i,ɪ] átono)	7/56	12,5%	0.54
4 (/t/ antes de [i] tônico)	1/15	6,7%	0.07
Total	20/113	17,7%	-
			<i>Range: 0.69</i>
<i>Input: 0.05</i>			Significância: 0.02

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

De acordo com a Tabela 5, o PR de 0.76 indica que, em relação aos outros fatores rodados no programa, o contexto fonológico 1 (/d/ antes de [i,I] átono) foi o que mais favoreceu os uso da variante despalatalizada, o que pode ser ratificado por meio do range, que foi de 0.69. Em contrapartida, o contexto fonológico 4 (/t/ antes de [i] tônico) foi o que menos favoreceu a forma despalatalizada, apresentando um PR de apenas 0.07.

Figura 9 - Apresentação da rodada de dados nº 4 no GoldVarb X – Contexto Fonológico.

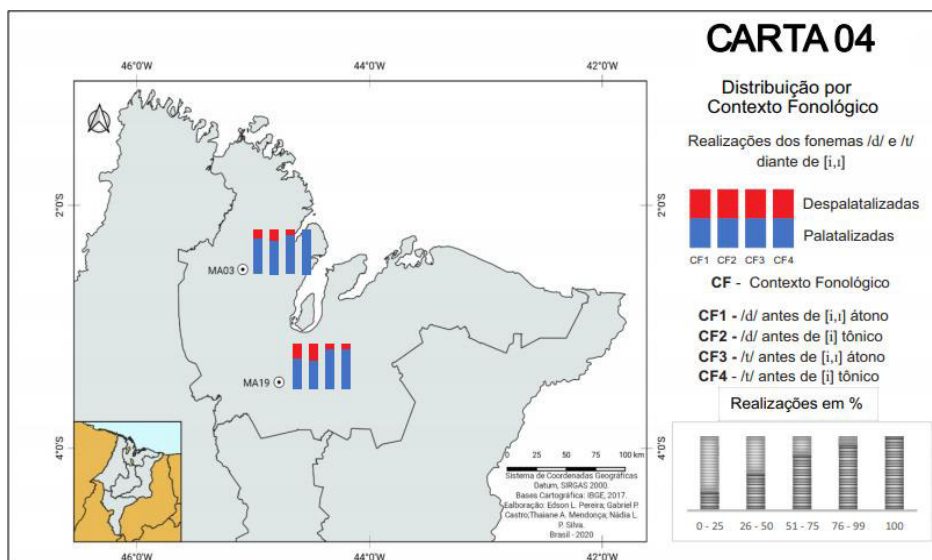
4 (5)		D	P		
3	N	7	49	56	49.6
	%	12.5	87.5		
1	N	7	19	26	23.0
	%	26.9	73.1		
2	N	5	11	16	14.2
	%	31.2	68.8		
4	N	1	14	15	13.3
	%	6.7	93.3		
Total	N	20	93	113	
	%	17.7	82.3		

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

A Figura 9, ao representar em termos percentuais os quatro contextos fonológicos que foram rodados no programa GoldVarb X, tendo como regra de aplicação a despalatalização, reforça as análises feitas.

A Carta 4 também nos dá mais detalhes sobre esses contextos em cada um dos municípios investigados.

Carta 4 - Distribuição por contexto fonológico: realizações despalatalizadas x palatalizadas.



Fonte: Banco de dados do ALiMA e da autora – carta elaborada por Pereira *et al.* e revisada pela autora (2021)

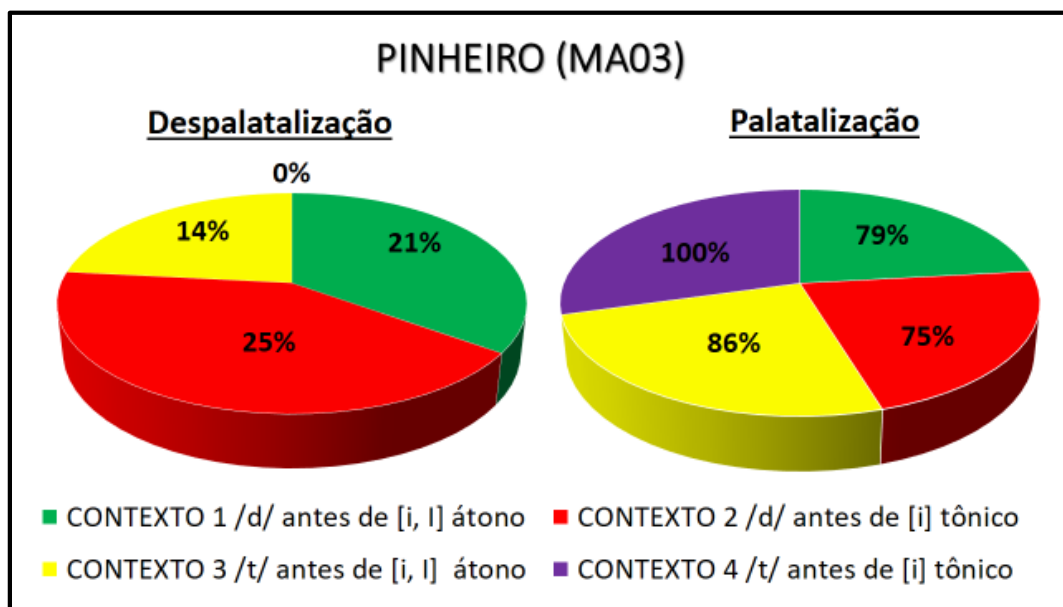
A Carta 4 nos mostra que, dos quatro contextos fonológicos investigados, o que mais favoreceu a despalatalização tanto no município de Pinheiro quanto em Arari foi o contexto 2 (/d/ antes de [i] tônico), observado nas respostas³⁰ [ˈdiɐ] e [pɛxˈdiðɐ] dadas às questões do QFF. Em Pinheiro, esse contexto fonológico representou 25% e em Arari, esse percentual foi um pouco maior, 38%.

Quanto à palatalização, de acordo com a Carta 4, no município de Pinheiro, o contexto 4 (/t/ antes de [i] tônico) foi o favorecedor da forma palatalizada, atingindo o percentual de 100% das realizações, observado nas respostas [mɔ̃ˈtʃiɾɐ] e [ˈtʃiu] dadas às questões do QFF. Já no município de Arari, o contexto que favoreceu a forma palatalizada, com 89%, foi o contexto 3 (/t/ antes de [i,ɪ] átono), observado nas respostas [pratʃiˈlɛɾɐ], [tʃiˈzɔɾɐ], [toˈmatʃi], [pɾɛˈzɔ̃tʃi].

Os Gráficos 1 e 2 complementam as informações explicitadas na Carta 4, pois trazem as porcentagens exatas de cada contexto fonológico.

³⁰ Dados extraídos do *corpus* de Pinheiro e Arari.

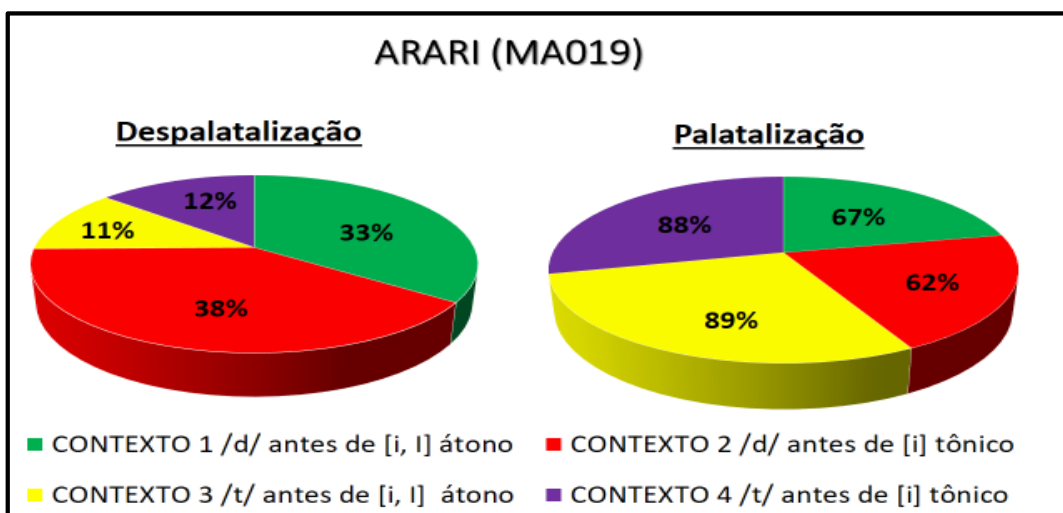
Gráfico³¹ 1 - Contextos fonológicos: variantes despalatalizada e palatalizada em Pinheiro.



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

No Gráfico 1, em relação à forma despalatalizada, verificamos que o contexto 1, observado nas respostas [adivo'gado], [dis'maju] e ['taxdi], apresentou uma porcentagem bem próxima da porcentagem do contexto que foi o favorecedor dessa variante. Percebemos, ainda, que o contexto 4 não apresentou nenhuma realização da forma despalatalizada em Pinheiro. Nesse município, é o contexto 3, com 86%, o segundo maior favorecedor da forma palatalizada.

Gráfico 2 - Contextos fonológicos: variantes despalatalizada e palatalizada em Arari.



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

³¹ Optamos por apresentar os gráficos para que o leitor tenha uma visão mais completa dos contextos fonológicos, por meio das porcentagens.

No Gráfico 2, quanto à variante despalatalizada, observamos que os contextos 1 e 2 apresentam porcentagens bem próximas, assim como os contextos 3 e 4 que apresentam uma diferença de apenas de 1% entre si. Desse modo, em relação à realização palatalizada, podemos inferir que o contexto 4 é tão favorecedor dessa variante quanto o contexto 3, uma vez que a diferença entre eles é de apenas 1%.

Para uma análise mais detalhada sobre os contextos fonológicos, no que se refere ao fonema /d/, constatamos que, dos dois contextos que envolvem esse fonema, tanto no município de Arari quanto no município de Pinheiro, é o Contexto 2 (/d/ antes de [i] tônico) o que favorece a realização despalatalizada. Assim também, quanto ao fonema /t/, considerando os dois contextos que envolvem esse fonema, o que favorece a variante despalatalizada, no município de Pinheiro, é o Contexto 3 (/t/ antes de [i,₁] átono), ao passo que, no município de Arari, é o Contexto 4 (/t/ antes de [i] tônico) o favorecedor dessa variante.

4.1.2.2 Posição de Contexto Fonológico

Analizamos as posições dos quatro contextos fonológicos investigados, mostrados anteriormente, para verificar qual delas favorece a realização despalatalizada e a palatalizada. Enumeramos três posições de contexto fonológico que foram consideradas relevantes para os fenômenos investigados nos dois municípios que representam a Baixada Maranhense nesta pesquisa:

Posição de Início - X;

Posição de Meio - Y;

Posição de Fim - Z.

De acordo com os dados provenientes da rodada estatística no GoldVarb X, a Tabela 6 apresenta que a posição de contexto fonológico que mais favoreceu a variante despalatalizada nos municípios de Arari e Pinheiro foi a posição de meio da palavra como em [pex'didɐ], [likidifika'do], [mĩ'tiɾɐ], [pra'ti'leɾɐ], conforme atesta o PR 0.85; ao passo que a posição final da palavra como em ['taxdɪ], [inusçtɪ], [prɛ'zçtɪ] teve somente quatro realizações, com um PR de, apenas, 0.18.

Tabela 6 - Ocorrências da forma despalatalizada de acordo com a posição do contexto fonológico.

POSIÇÃO DO CONTEXTO	Apl/Total	%	PR
X (início)	6/27	22,2%	0.74
Y (meio)	10/30	33,3%	0.85
Z (fim)	4/56	7,1%	0.18
Total	20/113	17,7%	-
			<i>Range: 0.67</i>
<i>Input: 0.05</i>			Significância: 0.02

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Esses resultados ratificam que a variante despalatalizada, nos municípios de Arari e Pinheiro, está sendo predominantemente empregada na posição de contexto de meio da palavra, cujo range dos PR's foi de 0.67.

Figura 10 - Apresentação da rodada de dados nº 5 no GoldVarb X – Posição de Contexto Fonológico

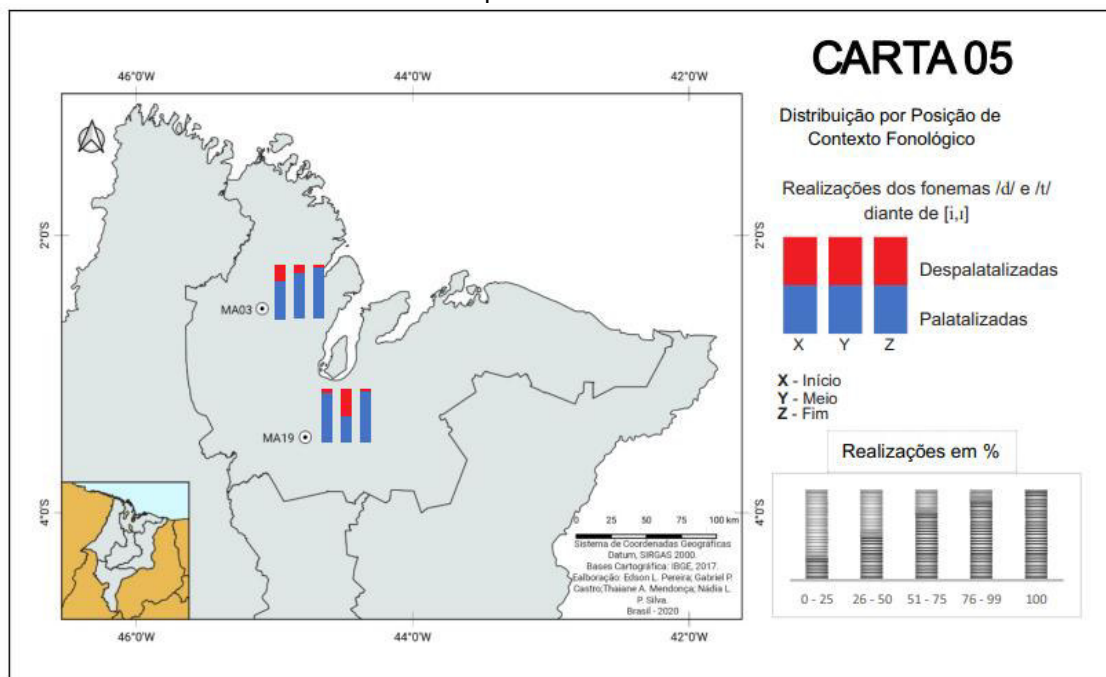
5 (6)		D	P		
Y	N	10	20	30	26.5
	%	33.3	66.7		
X	N	6	21	27	23.9
	%	22.2	77.8		
Z	N	4	52	56	49.6
	%	7.1	92.9		
Total	N	20	93	113	
	%	17.7	82.3		

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

A Figura 10 apresenta a quantidade de realizações despalatalizadas (dez), bem como, a porcentagem correspondente a essa quantidade para demonstrar que os dados da posição de meio dos contextos fonológicos, posição representada pelo código (Y), é a que se destaca na realização despalatalizada dos fonemas /d/ e /t/, diante de [i, i].

A Carta 5, a seguir, nos dá mais detalhes das três posições em que se encontram os contextos fonológicos em cada um dos municípios que representam a Baixada Maranhense neste trabalho.

Carta 5 - Distribuição por posição de contexto fonológico: realizações despalatalizadas x palatalizadas.

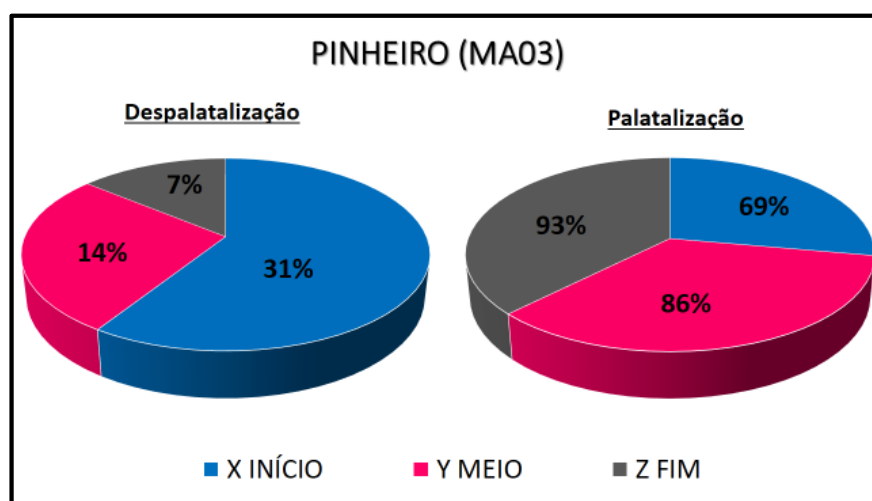


De acordo com a Carta 5, no município de Pinheiro (MA03), observamos que a posição de início de contexto fonológico foi determinante para a variante despalatalizada, representando 31% de ocorrência; seguida, respectivamente, da posição de meio, com 14%, e da posição final, com 7%, de ocorrência.

Quanto ao município de Arari (MA19), constatamos que é a posição de meio de contexto fonológico que se destaca em relação às outras duas posições, no que se refere à realização despalatalizada, representando exatamente 50% de todas as realizações, seguida da posição de início, com 9%, e da posição de fim, com 7%.

Os Gráficos 3 e 4 complementam a Carta 5, pois trazem as porcentagens exatas de cada posição de contexto fonológico, tanto quanto às realizações despalatalizadas quanto às palatalizadas.

Gráfico 3 - Posições de contexto fonológico: variantes despalatalizada e palatalizada em Pinheiro.

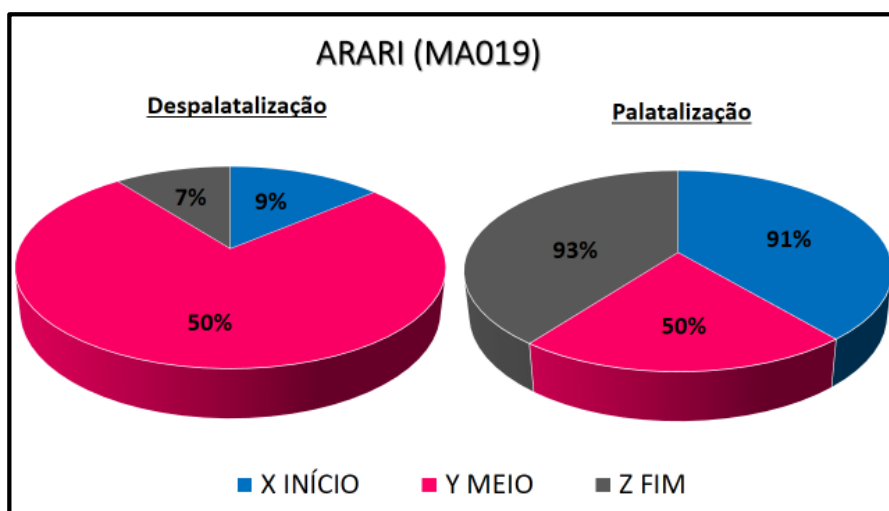


Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

O Gráfico 3 representa os dados do município de Pinheiro. Em relação à forma despalatalizada, verificamos que a posição de início (X), observada nas respostas [ˈd̪iɐ], [disˈmajʊ] e [tiˈzɔɾɐ], apresentou a maior porcentagem, distanciando-se consideravelmente da porcentagem que representa a posição de meio (Y), observada nas respostas [pɛxˈd̪idɐ] e [pratiˈlɛɾɐz] dos contextos fonológicos investigados.

Quanto à forma palatalizada, nesse município, notamos que a posição de fim (Z), observada nas respostas [ˈtaxd̪ʒi], [ˈɔspid̪ʒi], [ˈd̪ɛtʃi], [inoˈcɛtʃi], [ˈnojʃi], é que foi a favorecedora dessa forma, com um percentual de 93%, seguida da posição de meio (Y), com 86%, e da posição de início (X), com 69%.

Gráfico 4 - Posições de contexto fonológico: variantes despalatalizada e palatalizada em Arari.



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

No Gráfico 4, apresentamos os dados do município de Arari. Nele, observamos que a posição favorecedora da variante despalatalizada é a posição de meio (Y), observada nas respostas [pex'dide], [likidifika'do], [mĩtire], [paxti'lerɐ], a qual obteve 50% do percentual em relação às outras duas posições.

É interessante destacar que essa posição apresentou 50% de realizações tanto para a variante despalatalizada quanto para a variante palatalizada, o que nos faz inferir que, se analisarmos do ponto de vista isolado, ou seja, apenas a posição de meio, sem levarmos em consideração as outras duas posições, podemos deduzir que essa é uma posição neutra, por não influenciar o favorecimento de uma ou outra variante.

A posição que favorece a realização palatalizada, de acordo com o Gráfico 4, é a posição de fim (Z), observada nas respostas ['taxdʒɪ], ['ɔspidʒɪ], [tɔ'matʃɪ], [ɛle'fɔ̃tʃɪ], [ino'cɛ̃tʃɪ], ['nojtʃɪ], a mesma posição de contexto fonológico e o mesmo percentual de porcentagem (93%) observados no município de Pinheiro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a questão de pesquisa norteadora deste trabalho – Se, de fato, predomina a despalatalização dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ] na fala de pessoas da Baixada Maranhense, representada nesta pesquisa pelos municípios de Arari e Pinheiro, quais fatores extralinguísticos e linguísticos a favorecem? – ressaltamos, a partir das análises feitas, que: i) não foi confirmada a popular e historicamente propalada despalatalização dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ] na fala de maranhenses naturais de Arari e Pinheiro, representantes da Baixada Maranhense neste estudo, uma vez que os resultados ressaltaram o predomínio da realização palatalizada desses fonemas diante de [i, ɪ] nas localidades investigadas; ii) tanto fatores extralinguísticos quanto linguísticos favoreceram a realização despalatalizada dos fonemas investigados, especialmente, sexo e faixa etária (extralinguísticos) e contexto fonológico e posição de contexto fonológico (linguísticos).

Nesse sentido, destacamos que tanto o objetivo geral quanto os objetivos específicos foram desenvolvidos pois, ao investigarmos – à luz da Dialectologia, da Geolinguística e da Sociolinguística – a realização dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ] nos municípios de Arari e de Pinheiro, pudemos concluir que a realização despalatalizada desses fonemas na Baixada Maranhense não é (ou já não é) recorrente ou predominante apesar da despalatalização, historicamente, ter sido reconhecida como a variante que particularizava o português falado nos municípios da Baixada Maranhense.

Também identificamos os fatores linguísticos e extralinguísticos favorecedores da realização despalatalizada e palatalizada dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ] nas localidades investigadas e analisamos as variáveis linguísticas e extralinguísticas relevantes para a realização despalatalizada e a palatalizada desses fonemas nos contextos investigados a fim de contribuir para a sistematização descritiva da fala contemporânea da Baixada Maranhense.

Como a regra de aplicação utilizada para as análises foi a variante despalatalizada, observando os fatores extralinguísticos, pudemos depreender que entre os dois municípios estudados o que apresentou o maior número de ocorrência dessa variante foi o município de Arari. Quanto ao fator sexo, os informantes que mais conservaram a variante tida como regra de aplicação foram os do sexo

masculino. Já quanto à faixa etária, os informantes que mais usaram a variante despalatalizada foram os da faixa etária II, ou seja, os mais velhos.

Quanto à observação dos fatores linguísticos, segundo os dados rodados no programa GoldVarb X, que analisa comparando um fator em relação a todos os outros fatores inseridos na rodada, a posição de contexto que favoreceu a regra de aplicação utilizada foi contexto fonológico 1 (/d/ antes de [i,ɪ] átono). Entretanto, se considerarmos de forma mais específica, ou seja, se avaliarmos cada município de modo particular e se analisarmos apenas os quatro contextos fonológicos, sem compará-los a outros fatores (localidade, sexo, faixa etária, posição de contexto), veremos que, em ambos os municípios investigados, o contexto favorecedor da variante despalatalizada foi o contexto fonológico 2 (/d/ antes de [i] tônico).

Ainda sobre os fatores linguísticos considerados, segundo os dados rodados no programa GoldVarb X, a posição de contexto fonológico que mais favoreceu a regra de aplicação foi a posição de meio (Y). Frisamos que numa análise individualizada, considerando cada município, temos posições de contextos diferentes para o favorecimento da variante despalatalizada. Assim, para o município de Pinheiro, a posição favorecedora da variante em questão foi a posição de início (X), enquanto que, para o município de Arari, a variante despalatalizada foi favorecida pela posição de meio (Y).

Pelo exposto, ressaltamos a relevância de trabalhos que visam descrever a língua a partir da sua correlação com fatores de ordem extralinguística e linguística, já que nossos resultados atestaram a influência de fatores extralinguísticos e linguísticos no favorecimento de uso tanto da forma despalatalizada quanto da palatalizada dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ].

Desse modo, esperamos que esta dissertação contribua para incentivar o aprofundamento dos estudos sobre a variedade maranhense do português brasileiro a partir, mais especificamente, da ampliação da investigação sobre a realização dos fonemas /d/ e /t/ diante de [i, ɪ], e que, conseqüentemente, contribua para o reconhecimento e valorização da diversidade linguística do Estado e do país.

Nesse contexto, é válido afirmar, ainda, que certas formas linguísticas nem sempre são bem aceitas por uma parcela da sociedade, o que se pode comprovar por certas atitudes discriminatórias ocorridas no nosso dia a dia que evidenciam a existência do denominado preconceito linguístico.

Por fim, nesse cenário, cabe considerar o que Bagno (1999) expõe sobre a necessidade de estudos científicos e de uma abordagem educacional em favor de uma educação linguística voltada para a inclusão social e para o reconhecimento e valorização da diversidade linguística, social, cultural brasileira. Enfatizamos, nesse sentido, que trabalhos similares a este, além de contribuir para o entendimento da variedade de fenômenos linguísticos do PB, podem colaborar para o combate ao preconceito linguístico.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Geolinguística no Brasil: Estágio atual**. Revista da ABRALIN, v. 5, n. 1 e 2, dez. 2006, p. 215-238. Disponível em: <http://www.abralin.org/revista/RV5N1_2/RV5N1_2_art10.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2020.

AGUILERA, Vanderci de Andrade; SILVA, Hélen Cristina da. **Uma nova configuração do caipira: ecos do /R/ retroflexo**. Revista da ABRALIN, v. 14, n.1, p. 171-194, 2015.

AGUILERA, Vanderci de Andrade; ALTINO, Fabiane Cristina. **Para um Atlas Pluridimensional: pesquisas e pesquisadores**. Alfa: São Paulo, 2012.

ALVES, Maria Adriana Leite. **A sociolinguística e as narrativas populares: uma análise da variação linguística**. Revista de Livre Acesso-Diadorim: UFCG, 2017.

AMARAL, Amadeu. **O Dialeto Caipira: gramática e vocabulário**. 4.ed. São Paulo: HUCITEC; INL, 1920.

_____. **O Dialeto Caipira: gramática, vocabulário**. São Paulo: Editora Anhembi Limitada, 1955[1920].

ARAGÃO, Elthon Ranyere Oliveira. **Raposas, Herdeiros e Outsiders: Especialização Política e dinâmica eleitoral em Pinheiro - MA**. São Luís, 2010. 145p.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **A despalatização e conseqüente iotização no falar de fortaleza**. PROFALA: UFC, 2018.

ARAUJO, Ana Cláudia Menezes. **A despalatização dos fonemas /d/ e /t/ no Português da Baixada Maranhense**. São Luís: III Seminário Linguagem e Identidade, 2011.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BARROS, Carolina Pinheiro. **O falar do “caboco” paraense: um estudo sobre o léxico nos municípios de Santarém, Oriximiná e Juruti (Baixo-Amazonas- PA)**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2017. Dissertação (Mestrado realizado no Mestrado em Letras da Universidade Federal do Amazonas).

BATALHA, João Francisco. **Um passeio pela história do Arari**. São Luís: Lithograf, 2011.

BATTISTI, Elisa *et. al.* **Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes**. ReVEL. Vol. 5, n. 9, 2007.

BATTISTI, Elisa; DORNELLES FILHO Adalberto Ayjara. **Palatalização das plosivas alveolares em Flores da Cunha**: variação linguística e práticas sociais. Alfa: Revista de Linguística, v.56(2), segundo semestre de 2012.

BERGO, Vitorio. **Pequeno dicionário brasileiro de gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2004.

BRANDÃO, Sílvia. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **A palatização em português**: uma investigação palatográfica. Dissertação de mestrado. São Paulo, Campinas: UNICAMP, 1974.

CÂMARA DE PINHEIRO, 2017. **História do município de Pinheiro**. Disponível em: <https://www.pinheiro.ma.leg.br/institucional/historia/historia-do-municipio>. Acesso em: 10 fev.2020.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Projeto atlas linguístico do Brasil – ALiB**. Reunião do Comitê Nacional. Maceió: 1997.

_____. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. **Atlas linguístico do Brasil**. v. 2. Cartas linguísticas 1. Londrina: EDUEL, 2014.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. (Orgs.). Documentos 6. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil**: histórias e memórias. Salvador: Quarteto, 2016.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A língua falada e o ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2000.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Sociolinguística** – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

CORRÊA, Regina de Andrade. **A variação na realização de /t/ e /d/ na comunidade de práticas da UFS**: MOBILIDADE E INTEGRAÇÃO. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2019. Dissertação (Mestrado realizado na área de Letras).

COSERIU, Eugénio. **A geografia lingüística**. In: COSERIU, E. **El hombre y su lenguaje**. Tradução de Carlos A. da Fonseca; Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1987. p. 79-117.

COSTA, Geisa Borges de. **Da música regional como fonte de pesquisa dialectológica**: o português rural na música de Elomar. Revista de divulgação científica em Língua Portuguesa: Letras Magna, 2012.

DIAS, Ana Lourdes Cardoso. **Processo de palatalização no português**: Lagoa da Pedra e Canabrava - TO. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2009. Dissertação (Mestrado realizado na área de Letras).

DIAS, Valter. **Minicurso** (Aprendendo a manusear o GoldVarb X: uma introdução). Porto de Galinhas: VII SIMELP, 2019.

DUBOIS, Jean. *et al.* **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

ELIZAINCÍN, Adolfo; THUN, Harald. **Atlas Lingüístico y diatópico del Uruguay**.t. I. fasc. A1. Kiel: Westensee, 2010.

FDBM. **Baixada Maranhense**. 2018. Disponível em: <<https://fdbm.org.br/?s=ARARI&submit=Pesquisar>>. Acesso em: 20 de novembro de 2020.

FEITOSA, Antonio Cordeiro. **Relevo do estado do Maranhão**: uma nova proposta de classificação topomorfológica. Goiânia: VI Simpósio Nacional de Geomorfologia, 2006.

FERREIRA, Carlota. *et al.* **Atlas lingüístico de Sergipe**. Salvador: UFBA. 1996.

GOMES, Francisco José de Castro. **Coisa da Nossa Terra**. Coletânea de artigos publicados no Jornal da Cidade de Pinheiro de 1921 a 2003. Pinheiro, 2004.

GUEDES, Regis José da Cunha. **Estudo geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do estado do Pará**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2012. Dissertação (Mestrado realizado na área de Letras).

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana Maria Stahl. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

IBGE-CENSO. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=26&uf=21#topo_piramide>. Acesso em: 27 de julho de 2020.

IBGE. **Pinheiro**. 2007. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/place/Pinheiro+-+MA/@-2.4950131,-45.4082153,10z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x92b34e0e2420bfdd:0x2cbb9032e6ab3e6!8m2!3d-2.5213671!4d-45.0822357>>. Acesso em: 27 de julho de 2020.

IBGE. **Cidades e estados**. 2012. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/pinheiro.html>>. Acesso em: 08 de agosto de 2020.

ILARI, Rodolfo. **Linguística românica**. São Paulo: Ática, 2006.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Miguel. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 1972.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste**. 3.Ed. Curitiba: HD Livros, 1996.

MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza, (orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Introdução a Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MOTA, Jacyra. **Como fala o nordestino: a variação fônica nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Resumo. In: I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, 2008, São Paulo. I SIMELP. São Paulo: USP - FFLCH, 2008. v. 1.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NARO, Anthony Julius. Idade. In: MOLLICA, M. C. **Introdução à sociolinguística variacionista**. (org.). Cadernos didáticos da UFRJ. 2ª ed., RJ: UFRJ, p. 81-87, 1994.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. **Introdução ao GoldVarb X**: uso e interpretação. Paraíba: UFPB, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/20023923/minicurso_goldvarb>. Acesso em: 20 de agosto de 2020.

ONOFRE, Diana Pilatti. **Trabalho com Goldvarb**. Slideshare, 2011.

PACHECO, Cíntia da Silva. *et. al.* **O uso das tecnologias nas pesquisas sociolinguísticas**. Brasília: UCB, 2014 (no prelo).

PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 33-42.

PREFEITURA DE ARARI. **Aspectos gerais do município de Arari**. 2017.

Disponível em: <https://www.arari.ma.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=74>. Acesso em: 08 de agosto de 2020.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo (Coord.). **Projeto Atlas Linguístico do Maranhão**. São Luís: Universidade Federal do Maranhão. (Departamento de Letras). 2015.82p.

RAZKY, Abdelhak. **O Atlas geo-sociolinguístico do Pará**: Abordagem metodológica. In: AGUILERA (Org). **A Geolinguística no Brasil: Caminhos e perspectivas**. Londrina: UEL, 1998.

RAZKY, Abdelhak; LIMA, Alcides Fernandes de. **Estudos lexicais e socioterminológicos no estado do Pará**. In: CARDOSO. S. M.; MEJRI, S. MOTA, J. (Org.). **Os dicionários**: fontes, métodos e novas tecnologias. Salvador: Vento Leste. 2011.

RECTOR, Mônica. **A linguagem da Juventude: uma pesquisa Geo-sociolinguística**. Petrópolis: Vozes, 1975.

ROBERTO, Tânia Mikaela Garcia. **Fonologia, fonética e ensino: guia introdutório**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ROCHA, Maria Regina. Distribuição complementar. **Ciberdúvidas da Língua Portuguesa**, 2001. Disponível em:
<[https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/distribuicao complementar/7650](https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/distribuicao_complementar/7650)>. Acesso em: 12 de abril de 2020.

RODRIGUES, Maria Doraci Guedes. **Mapeamento lexical do português falado pelos wajãpi no estado do amapá: uma abordagem geossociolinguística**. Belém: UFPA, 2017. Dissertação (Mestrado realizado na área de Letras).

ROMANO, Valter Pereira. **Balço crítico da Geolinguística brasileira e a posição de uma divisão**. Entretexos: Londrina, 2013.

ROSSI, Nelson. Dialetologia. In: **Houaiss**. A. (ed.) *Enciclopédia Mirador Internacional*. V.7. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

SALGADO, Solyany Soares. **Ciência Linguística: da origem saussuriana ao percurso sociolinguístico**. Revista Espaço acadêmico. N. 100. Setembro, 2009.

SANKOFF, David. **Variable rules**. In: **AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert & LABERGE.S. (1978)**. Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society. New York: Walter de Gruyter, 1988. p.984-998.

SANTOS, Andrea Mafrá Oliveira dos. **As “africadas baianas” em Sergipe e Alagoas: um estudo a partir dos dados do projeto ALiB**. Dissertação defendida no programa de pós-graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2012.

SANTOS, Silvanete Silva dos. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): a realização de /t, d/ diante de [i] no interior do Maranhão**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras - Espanhol) - Universidade Estadual de Feira de Santana. Orientador: Josane Moreira de Oliveira.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1916.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **PARA CONHECER: Fonética e Fonologia do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVA FILHO, Eraldo Batista da. **Oclusivas alveolares e africadas alveopalatais no português de Recife**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2018. Doutorado (Tese realizada na área de Letras).

SILVA, Paulo Roberto Florêncio de Abreu. **Educação Cartográfica na formação do professor de geografia em Pernambuco**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2004. Mestrado (Dissertação realizada na área de cartografia).

SILVA, Thais Cristóforo. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 2002.

SILVA, Thais Cristóforo et al. **Revisitando a palatalização no português brasileiro**. Revista de Estudos da Linguagem, 2012.

SOUZA NETO, Antonio Félix de. **As realizações dos fonemas /t/ e /d/ em Aracaju-SE**. Dissertação defendida no programa de pós-graduação em Letras e Linguística, da Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2008.

TAGLIAMONTE, Sali. **Analysing sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

_____. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2002.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Tradução: Celso Cunha. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

THUN, Harald. **La géographie linguistique romane à la fin du XXe. Siècle**. CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES, 22., 1998.

_____. O tratamento do material etnográfico no Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático Del Uruguay (ADDU). In: **Encontro Sobre Cultura Popular**, 1997. Ponta Delgada – Açores. Actas. FUNK, G. (Org.). Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1999.

VALER, Salete; MARCHESAN Ani Carla; ROCHA Patrícia Garcia; PEREIRA Rodrigo Acosta. **O /ti/ e o /di/ no português rural de Santa Catarina - um estudo sobre a palatalização das oclusivas coronais anteriores /t/ e /d/ nas palavras: dia, tio, tira o couro e dinheiro**. Artigo publicado no caderno de resumos do XI SILLEL, 2006.

VIEGAS, Josué Carvalho et al. **A Sustentabilidade das Formas de Uso e Ocupação do Médio Curso do Rio Pericumã, Pinheiro - Maranhão**. Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Porto Alegre, 2010.

WIKIPEDIA. **Arari**. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Arari>>. Acesso em: 8 de agosto de 2020.

APÊNDICES



APÊNDICE A

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Projeto de Pesquisa: A (des)palatalização no maranhão: uma análise geossociolinguística da realização dos fonemas /d/ e /t/ nos municípios de Arari e Pinheiro

Mestranda responsável: Francimone da Graça Barros Dutra

Contato: francimonedutra@hotmail.com

DECLARAÇÃO

Declaro ter consentido a gravação da minha conversa com a mestranda Francimone da Graça Barros Dutra, como parte do projeto acima identificado, em execução pelo Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado Acadêmico da UFMA. Estou ciente de que a gravação será transcrita e disponibilizada para o desenvolvimento de estudos linguísticos na cidade de São Luís. Entendo que essa gravação é idônea e que meus dados pessoais não serão tornados públicos na divulgação de resultados da pesquisa.

Arari - MA, _____ de novembro de 2019.

Nome do informante

Assinatura



APÊNDICE B³²

FICHA DO INFORMANTE E DA GRAVAÇÃO

Projeto de Pesquisa: A (des)palatalização no maranhão: uma análise geossociolinguística da realização dos fonemas /d/ e /t/ nos municípios de Arari e Pinheiro

Mestranda responsável: Francimone da Graça Barros Dutra

Contato: francimonedutra@hotmail.com

FICHA DO INFORMANTE E DA GRAVAÇÃO

1- NOME DO INFORMANTE:	
2- ALCUNHA:	
3- SEXO:	
4- DATA DE NASCIMENTO:	5- IDADE:
6- ENDEREÇO:	
7- ESTADO CIVIL:	
8- NATURALIDADE:	
9- COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)	
10- DOMCÍLIOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:	
11- TELEFONES PARA CONTATO:	
12- E-MAIL:	
13- PROFISSÃO:	
14- ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIOECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE):	
15- PESSOAS COM QUEM MORA:	
16- DOCUMENTADOR:	
17- ARQUIVO DE GRAVAÇÃO E TRANSCRIÇÃO:	

³² Elaborado pela autora com base em documentos do ALiMA.

18- Bairros em que já morou na cidade de Arari, em ordem cronológica, e tempo aproximado (em anos) de quanto tempo morou em cada bairro:

19- GERAÇÃO NA CIDADE:

- A- pais não nascidos na cidade de Arari.
 B- pai ou mãe nascido na cidade de Arari.
 C- pai e mãe nascidos na cidade de Arari.
 D- um avô ou uma avó nascido na cidade de Arari.
 E- dois ou mais avós nascidos na cidade de Arari.

20- Nome do Pai: _____

Idade do Pai: _____

Grau de Escolaridade do Pai: _____

Profissão do pai: _____

Naturalidade: Arari outra: _____

21- Nome da Mãe: _____

Idade da Mãe: _____

Grau de Escolaridade da Mãe: _____

Profissão da mãe: _____

Naturalidade de: Arari outra: _____

22- Foi criado pelos próprios pais?

Sim Não

23- Em caso negativo, por quem foi criado? _____

Naturalidade

Mãe adotiva: _____

Pai adotivo: _____

24- Número de irmãos: _____ () A- mais velhos () B- mais novos

Nome, idade, escolaridade e profissão dos irmãos:

25- Nome do Cônjuge: _____

Idade do Cônjuge: _____

Grau de Escolaridade do Cônjuge: _____

Profissão do Cônjuge: _____

Naturalidade de: () Arari () outra: _____

26- Escolas em que estudou e tipo de escola (pública municipal (M), pública estadual (E) ou particular (P)):

P.ex.: Fundamental 1: Centro de Ensino Médio Paulo Freire (E)

Fundamental 1: _____

Fundamental 2: _____

Ensino Médio: _____

Faculdade: _____

CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

27- Assiste TV?

() A- todos os dias

() B- às vezes

() C- nunca

28- Programas preferidos:

() A- novelas

- B- esportes
- C- programa de auditório
- D- noticiários
- E- programa religioso
- F- filmes
- G- outro _____

29- Tipo de transmissão:

- A- rede gratuita
- B- parabólica
- C- tv por assinatura

30- Ouve rádio?

- A- todos os dias
- B- às vezes
- C- nunca
- D- parte do dia
- E- o dia inteiro
- F- enquanto viaja
- G- enquanto trabalha

31- Lê jornal?

- A- todos os dias
- B- às vezes
- C- nunca
- D- semanalmente
- E- raramente

32- Nome do jornal: _____

- A- local
- B- estadual
- C- nacional

33- Seção do jornal que gosta de ler:

- () A- editorial
 () B- esportes
 () C- variedades
 () D- programação cultural
 () E- política
 () F- página policial
 () G- classificados
 () H- outra _____

34- Lê revista?

- () A- às vezes
 () B- semanalmente
 () C- mensalmente
 () D- raramente
 () E- nunca

35- Nome / tipo de revista: _____

PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES

DIVERSÕES	FREQUENTEMENTE E	ÀS VEZES	RARAMENT E	NUNC A
36- CINEMA	A – ()	B – ()	C – ()	D – ()
37- TEATRO	A – ()	B – ()	C – ()	D – ()
38- SHOWS	A – ()	B – ()	C – ()	D – ()
39-MAN. FOLCLÓRICAS	A – ()	B – ()	C – ()	D – ()
40- FUTEBOL	A – ()	B – ()	C – ()	D – ()
41- OUTROS ESPORTES	A – ()	B – ()	C – ()	D – ()
42- OUTROS	A – ()	B – ()	C – ()	D – ()

43- Que religião ou culto pratica? _____

PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA

44- Características psicológicas do informante:

- A- tímido
- B- vivo
- C- perspicaz
- D- sarcástico

45- Espontaneidade da elocução:

- A- total
- B- grande
- C- média
- D- fraca

46- Postura do informante durante o inquérito:

- A- cooperativa
- B- não cooperativa
- C- agressiva
- D- indiferente

47- Categoria social do informante:

- A- "A"
- B- "B"
- C- "C"
- D- "D"

48- DATA DA ENTREVISTA:

49- HORÁRIO:

50- DURAÇÃO:

51- LOCAL DA ENTREVISTA E BREVE DESCRIÇÃO DO LOCAL:

52- PRESENÇA E ATUAÇÃO DE TERCEIROS:

53- COMO O DOCUMENTADOR CONHECEU O INFORMANTE:

54- GRAU DE RELAÇÃO ENTRE INFORMANTE E DOCUMENTADOR:

- Bastante próximo. O entrevistado faz parte do meu círculo imediato de amigos/familiares e conversamos frequentemente.
- Próximo. Conversamos frequentemente, mas o entrevistado não faz parte do meu círculo imediato de amigos/familiares.
- Próximo, mas não conversamos frequentemente.
- Neutro. Ele é meu conhecido, mas não nos falamos com frequência.
- Distante. Não o conhecia anteriormente e praticamente só conversamos na ocasião da entrevista.

55- OUTRAS INFORMAÇÕES RELEVANTES:



APÊNDICE C³³

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Projeto de Pesquisa: A (des)palatalização no maranhão: uma análise geossociolinguística da realização dos fonemas /d/ e /t/ nos municípios de Arari e Pinheiro

Mestranda responsável: Francimone da Graça Barros Dutra

Contato: francimonedutra@hotmail.com

ROTEIRO DA ENTREVISTA

I. Primeira parte

MUNICÍPIO

Objetivos: descobrir o “grau de enraizamento” do informante no município onde vive; descobrir padrões de sociabilidade; descobrir o “grau de mobilidade” da pessoa.

1. Há quanto tempo você mora no município de Arari?
2. Você gosta de morar aqui?
3. Em que outros lugares você já morou? Como era lá comparado com este município aqui? Quanto tempo morou lá?
4. O que este município tem de diferente de outros municípios do estado do Maranhão?
5. Já aconteceu alguma coisa aqui que te fez pensar em se mudar?

³³ Elaborado pela autora com base em documentos do ALiMA.

INFÂNCIA

Objetivos: relaxar o informante (em geral, as pessoas gostam de falar de sua infância); obter informações sobre mudanças no município de Arari; grau de mobilidade do informante; obter informações sobre escolaridade.

6. E como foi a sua infância em Arari? Você pode contar um pouco de como foi, o que você fazia...?

- a. brincava na rua/dentro de casa? Do que vocês brincavam?
- b. Como eram os seus pais? Eram rígidos...? Você tinha horário para estar em casa?
- c. Vocês tinham alguma tradição de família?

7. Você foi para a escola com quantos anos? Como era a escola? Você sempre estudou na mesma escola? Você gostava de ir pra escola? Tem algum professor que te marcou? Até que série você estudou? Você acha que a escola fornece aquilo que uma pessoa precisa para encontrar um emprego?

FAMÍLIA

Objetivos: obter informações sobre rede social do informante, grau de enraizamento no município.

8. Você tem irmãos? (é possível que esta informação já tenha aparecido na parte sobre infância; neste caso, falar algo como: "Você disse que tem uma irmã... Você tem outros irmãos?") Quantos anos eles têm?

9. Onde seus pais nasceram? (Se não são ararienses, perguntar também sobre avós, bisavós... até encontrar a primeira geração da família que veio pra Arari). Quantos anos eles (pais) têm? Quando seus (pais/avós/bisavós) vieram pra Arari? Você sabe por que eles vieram?

10. Você é casado (a)? Você tem filhos? Quantos anos eles têm?

II. Segunda parte

CIDADE DE ARARI

11. De acordo com dados do site da prefeitura de Arari – <https://www.arari.ma.gov.br/index.php/a>, Arari tem sido, há pelo menos duas décadas, reconhecido como a Terra da Pororoca devido à ocorrência das marés de pororoca o ano todo, que produzem ondas fluviais exploradas para a prática de surfe. O que você acha disso? Quais são os impactos positivos para o município?
12. O que você acha que caracteriza a sua cidade (tanto as coisas boas quanto ruins)?
13. Olhando pra mim, você diria que eu sou arariense? Por quê?
14. O que você mais gosta em Arari?
15. O que você não gosta em Arari?
16. Você falou que já foi pra (X, Y, Z). Quando você foi para esses lugares, as pessoas percebiam que você era arariense? (Se sim) como elas percebiam?
17. Quando você conhece alguém, você percebe se a pessoa não é daqui de Arari? (Se sim) como você percebe? (Se o informante mencionar o modo de falar, seguir nessa linha e tentar conseguir informações mais precisas. É normal as pessoas não saberem definir o porquê, mas devemos tentar tirar mais informações).

PRODUÇÃO/PERCEPÇÃO/AVALIAÇÃO LINGUÍSTICA

18. Aqui em Arari tem (i) migrante, né? De onde vêm a maioria das pessoas? Tem algum bairro específico em que eles (italianos, coreanos, nordestinos etc.) se concentram?
19. E como é que as pessoas falam na cidade de Arari? (evitar usar a palavra “sotaque”)

ANEXOS



ANEXO A

QUESTIONÁRIO FONÉTICO FONOLÓGICO DO ALiMA

Projeto de Pesquisa: A (des)palatalização no maranhão: uma análise geossociolinguística da realização dos fonemas /d/ e /t/ nos municípios de Arari e Pinheiro

Mestranda responsável: Francimone da Graça Barros Dutra

Contato: francimonedutra@hotmail.com

QUESTIONÁRIO FONÉTICO FONOLÓGICO APLICADO AOS INFORMANTES DE ARARI

- 1- ... aquilo assim (mímica), onde se colocam objetos em casa (latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala...) ou produtos para vender nos supermercados, mercearias, etc.?
PRATELEIRA
- 2- ... o objeto com que se corta tecido?
TESOURA
- 3- ... um aparelho que é usado para fazer vitaminas, suco, etc.?
LIQUIDIFICADOR
- 4- ... aquilo vermelho que vende na feira e que se usa para preparar o molho do macarrão?
TOMATEE
- 5- ... um animal grande que sempre se vê em circo, tem uma tromba assim (mímica)?
ELEFANTEE
- 6- Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a _____?
NOITEE

7- E depois da noite, o que é que vem?

DIA

8- Qual é o contrário de cedo?

TARDE

9- Quando um indivíduo é acusado, mas ele não praticou aquele crime, se diz que ele é o quê?

INOCENTE

10- Uma pessoa lhe conta um fato que você/ o (a) senhor (a) acha que não é verdade. Você /o (a) senhor (a) diz que é uma _____?

MENTIRA

11- E isto? Apontar.

DENTE

12- O que é que o irmão de seu pai ou de sua mãe é seu?

TIO

13- Quando uma pessoa faz aniversário, o que é que se costuma dar a ela, que vem embrulhado?

PRESENTE

14- Quando não se acha uma coisa, ela fica ___?

PERDIDA

15- Em uma pensão, um hotel, as pessoas de outros lugares que chegam e ficam lá algum tempo são o quê?

HÓSPEDE



ANEXO B

PARÁBOLA DOS SETE VIMES

Projeto de Pesquisa: A (des)palatalização no maranhão: uma análise geossociolinguística da realização dos fonemas /d/ e /t/ nos municípios de Arari e Pinheiro

Mestranda responsável: Francimone da Graça Barros Dutra

Contato: francimonedutra@hotmail.com

PARÁBOLA DOS SETE VIMES

Era uma vez um pai que tinha sete filhos. Quando estava para morrer, chamou-os a todos e, depois de ter olhado inquieto e tristemente para o céu, disse-lhes:

- Já não tendes mãe e eu sei que não posso durar muito; mas antes de morrer, desejo que cada um de vós me vá buscar, no Campo do Moinho, um vime seco.

- Eu também? Perguntou o mais novo – um garoto esbelto de quatro anos que estava, inocentemente, brincando ao sol com duas moedas num velho chapéu de feltro.

- Tu também, Tiago

Quando os filhos voltaram com os vimes, o pai pediu ao menor deles:

- Quebra esse vime

Ao ouvir isto, o pequeno partiu o vime sem nada lhe custar.

- Agora parte os outros, um a um.

O menino obedeceu.

Trazei-me, todos, outro vime! Tornou o pai, logo que viu o menino partir o último sem dificuldade alguma.

Quando os rapazes apareceram de novo, enfeixou os sete vimes soltos, atando-os com o fio.

- Toma este feixe, Paulo. Parte-o! ordenou o pai ao filho mais velho – o homem mais valente da cidade.

Vendo que já lhe doíam as mãos de tanto se esforçar por partir o feixe, acrescentou:

- Não foste capaz! O osso é duro de roer!...

- Não, senhor, não fui, e já me doem as mãos, respondeu o moço.

Todos os outros tentaram em vão.

-Se fossem mil vimes em vez de sete, pior seria, exclamou o pai. Quer sejam vimes ou corações, lembrai-vos sempre que a união faz a força. Se estiverdes sempre unidos, ninguém vos fará mal.

- Ao acabar de dizer isto, morreu. Fiéis ao bom conselho paterno, até ao fim da vida, foram sempre felizes e fortes como leões, os sete irmãos desta história.

(TRINDADE COELHO. Os meus amores. Apud LACERDA, A. de HAMMARSTÖM, G. Transcrição fonética do português normal. Coimbra: [s.n.], 1953. P.27-28. Texto com adaptações.)

**ANEXO C****QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO**

Projeto de Pesquisa: A (des)palatalização no maranhão: uma análise geossociolinguística da realização dos fonemas /d/ e /t/ nos municípios de Arari e Pinheiro

Mestranda responsável: Francimone da Graça Barros Dutra

Contato: francimonedutra@hotmail.com

QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

Nome do Informante: _____

Idade: _____

Em que tipo de imóvel você vive?

- Casa
- Apartamento
- Outro: _____

Você é proprietário do imóvel em que vive?

- Sim, é um imóvel próprio e quitado.
- Sim, é um imóvel financiado.
- Não, é um imóvel alugado.

Quantos quartos tem a sua casa?

- 0
- 1
- 2
- 3 ou mais

Quantas pessoas moram em sua casa?

- 1
- 2
- 3

- 4
- 5
- 6 ou mais

Quantas pessoas que vivem em sua casa contribuem para a renda familiar?

- 1
- 2
- 3 ou mais

Qual é a sua renda média mensal?

- Acima de R\$ 12.000,00
- De R\$ 6.000,00 a R\$ 12.000,00
- De R\$ 2.400,00 a R\$ 6.000,00
- De R\$ 1.200,00 a R\$ 2.400,00
- Até R\$ 1.200,00

Qual é a renda média mensal de sua família?

- Acima de R\$ 12.000,00
- De R\$ 6.000,00 a R\$ 12.000,00
- De R\$ 2.400,00 a R\$ 6.000,00
- De R\$ 1.200,00 a R\$ 2.400,00
- Até R\$ 1.200,00